

O DIALOGO

David Bohm

*O material a seguir a respeito do diálogo corresponde a uma edição dos registros de um encontro que aconteceu numa Segunda-feira 06 de Novembro de 1989 na cidade de Ojai próxima a Ventura ao Norte de Los Angeles.
A transcrição inglesa editada, foi corrigida e aprovada pelo Dr. Bohm.*

CONVERSANDO SOBRE O DIÁLOGO

Talvez pudéssemos começar falando a respeito do que entendo por diálogo. Acho melhor começar desta forma, ao invés de iniciar pela prática de um diálogo, porque, se começássemos dialogando, quase todo mundo iria ficar perguntando o que um diálogo é, e se, de fato, estaríamos dialogando. Se isso acontecesse, estaríamos divagando. Assim iremos, por um tempo, conversar sobre a natureza de um diálogo.

Estou dando um significado a palavra diálogo que é, de uma certa maneira, diferente de seu uso habitual. Buscar o significado original de uma palavra, freqüentemente ajuda a sugerir um significado mais profundo para ela. "Diálogo" vem da palavra grega *dialogos*. *Logos* significa "a palavra" ou melhor "o significado da palavra". E *dia* significa "através de" - não significando dois ou duplo -. Um diálogo pode se dar com qualquer número de pessoas, não apenas entre duas. Até mesmo uma pessoa sozinha, pode ter um sentido de diálogo consigo mesma, se o espírito do diálogo estiver presente. O panorama ou a imagem que a origem da palavra sugere, é o de uma *corrente de significados*, fluindo entre nós e através de nós. Isto torna possível um fluir de significados por todo o grupo. Desse fluir surge uma compreensão nova. Trata-se de algo que não estava presente quando se começou. É uma coisa criativa. E o *significado compartilhado* assim criado, é a "cola" ou o "cimento" que mantêm as pessoas e a sociedade unidas.

Contraste isto com a palavra "discussão", que tem a mesma raiz de percussão e concussão. Elas têm um significado de partir as coisas. Elas enfatizam a idéia de análise. Na análise, podem existir muitos pontos

de vista e todo mundo estará apresentando um ponto de vista diferente - analisando, separando uma coisa da outra. Isto obviamente tem seu valor, mas não nos leva muito além dos vários pontos de vista apresentados. A discussão é mais ou menos como um jogo de ping-pong no qual as pessoas estão rebatendo as idéias para cá e para lá e o propósito do jogo é o de vencer ou de ganhar pontos para si. Na discussão, para apoiar as suas próprias idéias, você possivelmente apanhará também, idéias dos outros - das quais, você pode concordar com umas e discordar de outras - mas, seu propósito é o de ganhar o jogo. Isto é freqüentemente o que acontece numa discussão.

Em um diálogo, no entanto, ninguém está tentando ganhar. Todo mundo ganha se alguém ganhar. Há uma espécie de jogo diferente quando se dialoga. Trata-se de um jogo onde não há tentativas de ganhar pontos ou de fazer prevalecer um lado. Ao invés disso, sempre que um erro é descoberto por parte de alguém, todo mundo sente ter ganho. É um jogo chamado ganha- ganha, enquanto que o outro jogo é chamado ganha - perde. No diálogo não estamos jogando uns contra os outros, mas, todos com todos.

Claramente, muito do que é chamado "diálogo" não é diálogo no sentido que estamos utilizando a palavra. Por exemplo, as pessoas nas Nações Unidas estão freqüentemente tendo encontros que costumam chamar de diálogo, mas elas, de fato, estão mais tendo discussões - ou talvez negociações - que diálogos. As pessoas que estão tomando parte nesses encontros, não estão realmente abertas a questionar suas pressuposições de raiz. Elas estão

negociando aspectos menores, tais como, se devemos ter mais ou menos ogivas nucleares. Mas a questão global dos dois diferentes sistemas em jogo, não está seriamente sendo discutida. Admite-se a priori que não se pode falar a respeito dessa dualidade de sistemas – considera-se que nada vai mudar esse estado de coisas. (Este artigo foi escrito antes da queda do Muro de Berlim). Conseqüentemente as discussões nas Nações Unidas não têm seriedade profunda. Uma grande parte do que chamamos “discussão”, não é feita “para valer” no sentido de que existe todo um conjunto de coisas que ficam de fora da negociação, não são negociáveis e nem tocáveis. As pessoas não gostam nem mesmo de falar a respeito delas.

Então, por que precisamos de um diálogo? – As pessoas têm dificuldades de se comunicarem, mesmo em pequenos grupos. Mas, em um grupo como o desta apresentação, com 30 ou 40 pessoas, muitos irão achar muito difícil comunicar-se, a menos que haja um propósito explícito e que alguém esteja liderando o grupo. Por que isso ocorre? – Uma das razões é que cada um tem diferentes pressuposições e expressam diferentes opiniões. E essas pressuposições não são meramente suposições superficiais, e sim, *pressuposições de raiz*. – tais como: pressuposições a respeito do sentido da vida; a respeito dos seus interesses próprios; a respeito do interesse do seu país; a respeito do interesse de sua religião; em suma, a respeito do que você considera que é realmente importante.

E essas pressuposições, são defendidas com vigor quando são desafiadas. As pessoas freqüentemente não conseguem resistir em defendê-las e tendem a fazê-lo reagindo emocionalmente. Iremos conversar sobre isso com mais detalhes mais a frente; mas, gostaria de lhes dar agora um exemplo. Organizamos certa vez há alguns anos atrás, em Israel, um

diálogo. Em um palco, as pessoas estavam discutindo a respeito de política, quando alguém disse *en passant*: “O Sionismo está criando uma grande dificuldade para se estabelecerem boas relações entre judeus e árabes. Ele é a principal barreira nessa direção”. O homem pronunciou esta frase de forma muito calma. Então, subitamente, um outro não pode se conter e pulou para frente. Ele estava carregado de emoção! Sua pressão sanguínea estava elevada e os olhos estavam saltando das órbitas. Ele disse: “Sem o sionismo, o País se esfacelaria!”.

A pessoa que reagiu emocionalmente, tinha uma certa pressuposição de raiz e o outro tinha outra. E as duas pressuposições estavam verdadeiramente em conflito. Então, a questão é: “O que você pode fazer?”. Você vê. . . Estes são os tipos de pressuposições que estão causando toda a sorte de problemas em todo o mundo. E o caso que acabei de mencionar é relativamente fácil, em comparação com alguns conflitos sobre pressuposições que temos que enfrentar. A questão é que temos todos os tipos de pressuposições. Não apenas sobre política, economia ou religião; mas também a respeito do que pensamos que uma pessoa deva fazer ou sobre o que é, afinal de contas, a vida e assim por diante.

Nós também podemos chamar estas pressuposições de “opiniões”. Uma opinião é uma pressuposição. A palavra “opinião” é utilizada em diversos sentidos. Quando um médico tem uma opinião, esta é a melhor pressuposição que ele pode fazer baseada nos dados que tem. Ele pode então dizer: “OK, não estou muito certo, vamos buscar uma segunda opinião”. Neste caso, se ele for um bom médico, ele não reage para defender a sua pressuposição. Se a segunda opinião resultar diferente da dele, ele não dispara uma carga emocional como o outro fez na questão

do sionismo, dizendo: Como você pode falar uma coisa dessas? - A opinião de um médico costuma ser um tipo de opinião com base racional. Mas, muitas opiniões não são desse tipo. Muitas delas são defendidas, não por argumentos, mas por uma forte reação emocional. Em outras palavras, a pessoa identifica-se a si própria com a pressuposição que tem. Suas pressuposições estão presas aos seus investimentos pessoais no campo em questão.

É importante ver que as diferentes opiniões que você tem, são resultados de suas experiências passadas. Todas as suas experiências: o que as pessoas falaram e o que não falaram, tudo isto está programado em sua memória. Você pode então, se identificar com essas opiniões e reagir para defendê-las. Mas, não faz muito sentido fazer isso. Se a opinião estiver certa, ela não precisa desta reação, e se ela estiver errada, porque você haveria de defendê-la? - No entanto, se você estiver identificado com ela, você reage para defendê-la, pois é como se você mesmo, estivesse sobre ataque quando uma sua opinião é desafiada.

Assim, as opiniões tendem a ser experienciadas como "verdades", mesmo que sejam opiniões, pressuposições e *background*, exclusivamente seus. Você as obteve de seu professor, de sua família, de seus contatos, pela leitura ou por um outro meio qualquer. Então, por uma razão ou por outra, você se identifica com uma pressuposição específica e passa a defendê-la.

Pessoas diferentes vindas de *background* diferentes têm diferentes pressuposições, diferentes opiniões. Aqui, neste nosso grupo, você irá provavelmente encontrar uma grande quantidade de diferentes pressuposições e opiniões, sobre as quais você não está consciente no momento. E isto é o que geralmente ocorre em qualquer grupo. Trata-se de

uma questão cultural. Na cultura que estamos imersos, há um vasto número de opiniões e pressuposições, que constituem o substrato de nossa cultura. Em cada cultura existem sub-culturas, que se diferenciam um pouco mais ou um pouco menos, conforme o grupo étnico, a situação econômica, a raça, a religião e um milhar de outras coisas. As pessoas chegarão a um encontro como este, vindas de diferentes extratos culturais, com diferentes pressuposições e opiniões. E elas podem não perceber, mas terão uma tendência de defender, de forma reativa, suas próprias pressuposições e opiniões, mesmo contra eventual evidência de que não estejam corretas. Às vezes tentarão, simplesmente, defendê-las contra alguém que tenha outra opinião.

Se defendermos nossas opiniões dessa forma, não seremos capazes de ter diálogos. E, quase sempre, estaremos *defendendo inconscientemente, nossas opiniões*. Não estaremos fazendo isso de propósito; às vezes temos consciência que estamos defendendo nossas opiniões, nossas pressuposições; mas, na maioria das vezes, não temos essa consciência. Apenas sentimos, inconscientemente, que nossa posição, é tão obviamente correta, que nós não podemos evitar tentar convencer aquela 'estúpida pessoa, sobre quão errado ela está de discordar de nós'.

Agir desse modo, parece ser a coisa mais natural do mundo, parece mesmo ser inevitável. Defender nossas posições desta maneira, sem se preocupar em fazer qualquer reflexão sobre as pressuposições que lhes estão por trás, parece que deveria ser o jeito certo para democracias funcionarem. Mas, quando elas agem desta forma, não funcionam satisfatoriamente. Quando todo mundo tem diferentes opiniões, com base em pressuposições que não conhecem, o que costumamos ter é, meramente, disputa de opiniões. E a opinião que vai vencer, é aquela

que for mais fortemente ou mais astutamente defendida. A pessoa que a defende, pode muito bem não estar certa; pode mesmo ser que nenhuma pessoa esteja certa. Esse modo de proceder nos leva a não fazer o que deveríamos, quando tentamos ficar juntos. Não poderemos organizar uma boa sociedade, prosseguindo nessa base.

Este problema surge sempre que nos encontramos como aqui, ou quando os legisladores ficam juntos, ou ainda quando homens de negócios se encontram ou em qualquer outra condição similar. Como quase todos nós temos que fazer trabalhos em conjunto uma vez ou outra, iremos descobrir que cada um de nós tem opiniões e pressuposições diferentes. E descobriremos quão difícil é fazer um trabalho nessas condições. A temperatura tende a subir. De fato, tenho visto pessoas enfrentando este problema em empresas muito grandes. Os diretores executivos podem todos ter diferentes opiniões, não conseguindo assim funcionar corretamente em conjunto. Em conseqüência, a companhia não funciona eficientemente, começa a perder dinheiro e vai para o "vinagre".

Existem algumas pessoas que estão tentando formar grupos onde diretores executivos possam conversar uns com os outros. Se os políticos, fizessem isso, seria ótimo. Os religiosos serão, provavelmente, os que terão a maior dificuldade para funcionar juntos. As pressuposições de religiões diferentes estão tão firmemente enraizadas em cada um que não conheço qualquer caso de duas religiões, ou mesmo subgrupo de religiões, que tenham voltado a funcionar juntos uma vez que tenham se separado. As igrejas cristãs, por exemplo, têm conversado a respeito de funcionarem juntas, por séculos, e nada muda mesmo depois de muito tempo. Elas conversam, e parecem se aproximar um pouquinho, mas depois

nada acontece. Conversam a respeito de unidade; a respeito de serem um; a respeito de amor e tudo mais. Alguns religiosos estão tentando por isso em prática e são realmente sinceros – estão levando o que fazem para valer o quanto isso é possível. Mesmo assim, parece que não conseguem fazê-lo. Pressuposições desconhecidas, que estão presentes, mas são incoerentes, parecem ser sempre mais poderosas. Pressuposições estão como que programadas em cada um, e quando são incoerentes umas com as outras, atuam em nosso inconsciente no sentido de impedir de trabalharmos como um só.

Os cientistas se encontram na mesma situação. Cada um parece se ater a uma diferente perspectiva da verdade e assim não conseguem funcionar juntos. Às vezes podem ter diferentes interesses próprios. Um cientista, que está trabalhando para uma companhia que é poluidora, pode ter um interesse próprio de provar que a poluição não é perigosa. E um outro grupo pode estar querendo, em função de seus interesses próprios, provar que a poluição em pauta é perigosa. E talvez haja um outro cientista que não tenha interesses próprios e que tente avaliar toda a questão.

Supõe-se que a ciência seja dedicada a descobrir os fatos e a verdade e que a religião seja dedicada a outro tipo de verdade e ao amor, mas o interesse próprio das pessoas e as pressuposições "assumem o comando". Ora, não estamos tentando julgar estas pessoas, no entanto parece que alguma coisa está acontecendo: parece que os pressupostos e as opiniões funcionam como programa de computador na mente das pessoas. E esses programas assumem o comando contra melhor das intenções. É como se eles produzissem suas próprias intenções.

Além disso, você irá encontrar outros problemas ao tentar realizar um

diálogo em um grupo como este (e mesmo em grupos menores). Algumas pessoas querem ser assertivas; têm dificuldade de deixar de sê-lo, pois esta é a forma como funcionam. Falam com facilidade e se tornam dominantes. Parecem ter uma imagem de si mesmas como dominantes e obtêm uma certa segurança devido a isso. Outras pessoas, no entanto, não tem tão alta estima nesta área, elas parecem se recolher sobre si mesmas, especialmente quando se defrontam com alguém que é dominante. Parece-lhes que os dominantes podem fazê-las de bobas ou qualquer coisa desse tipo.

Existem vários papéis que as pessoas assumem para si. Algumas pessoas assumem o papel de ser dominante, alguns assumem o papel de serem fracos e de que podem ser dominados. Parece que elas aprendem a trabalhar umas com as outras, segundo estes papéis. Eles são, na verdade, pressuposições e opiniões que irão também interferir na operação de um diálogo. Assim, uma pessoa terá construído algumas pressuposições a respeito de si própria, seja de uma forma ou de outra. Além disso, desde sua meninice, as pessoas a sua volta lhe disseram que isto é como ela é, que ela é dessa ou daquela maneira. A pessoa tem tido boas e más experiências, e tudo isso se acumula. Estes são alguns dos problemas que irão surgir quando tentamos realizar um diálogo.

Nós podemos dizer que um grupo com cerca de 20 a 40 pessoas é quase um microcosmo da sociedade inteira, e que apresentam uma coleção de diferentes opiniões e pressuposições. Grupos deste tamanho são ótimos para um diálogo. É possível, no entanto, fazer um diálogo com uma pessoa, duas, três ou quatro. É possível ainda, você dialogar consigo mesmo, adotando sozinho uma atitude de diálogo. Isto ocorre, quando você "*suspende as decisões*", quando você

escuta, avalia todas as opiniões sem decidir.

Mas um grupo que é muito pequeno não funciona muito bem em um diálogo. Quando um grupo de cinco ou seis pessoas se juntam para dialogar, usualmente conseguem "se adaptar" umas às outras, não fazendo coisas que incomodem as demais. Elas conseguem obter um "ajuste aconchegante". Num grupo deste tamanho as pessoas podem, com facilidade, serem muito polidas umas com as outras e tendem a evitar assuntos que possam causar problemas. Se em um grupo pequeno ocorre uma confrontação entre duas ou mais pessoas, tende a ser muito difícil acabar com ela; as coisas empacam. Em um grupo grande, com 30 ou 40 pessoas, podemos com facilidade começar com toda polidez do mundo, mas após algum tempo as pessoas não conseguem evitar todas as questões geradoras de problema. A polidez se vai muito rapidamente. Em um grupo de menos de 20 pessoas, isso nem sempre ocorre, porque as pessoas acabam se conhecendo umas as outras muito bem, descobrindo com isto, os lados ásperos de cada uma que "*judgam ser prudente*" evitar. Assim, ao intervirem, conseguem levar em conta tudo que gera problema; o grupo sendo pequeno, não será muita coisa que precisará ser evitada. Em um grupo de 30 ou 40 pessoas as coisas a serem evitadas já começam a ficar demais.

Assim, quando você aumenta o tamanho do grupo para cerca de 30 pessoas, alguma coisa de diferente começa a surgir. Aumentar o grupo para muito além de 40 pessoas fica difícil, pois 40 é mais ou menos o limite de pessoas que podem ser arrumadas convenientemente em um círculo, a menos que, você trabalhe com dois círculos concêntricos, o que não tem se revelado uma prática sem problemas. Em grupos em torno de 30, você começa a criar aquilo que

chamamos de “micro culturas”. Você terá uma quantidade suficiente de pessoas provenientes de diferentes sub-culturas, de forma a constituírem uma espécie de microcosmo da cultura maior. E então, a questão cultural crucial – a coexistência de conjuntos de significados compartilhados inconscientemente, e nem sempre coerentes um com o outro – passa a ser dominante. Isto é uma coisa crucial, porque esses conjuntos de significados compartilhados coletivamente são extremamente poderosos e dificultam o passo seguinte: a construção de um só conjunto de significados compartilhados por todos do grupo.

O pensamento coletivo é mais poderoso do que o pensamento individual. De fato, o pensamento individual é, em sua maior parte, o resultado do pensamento coletivo associado às interações interpessoais. A linguagem é, por exemplo, uma coisa inteiramente coletiva e a maioria dos pensamentos sobre ela também o são. Todo mundo contribui com suas reflexões para esses pensamentos coletivos – Cada um dá sua própria contribuição, mas muito pouca gente muda a linguagem de forma significante.

O poder de um grupo aumenta de maneira muito mais rápida do que o número de pessoas no grupo. Já dissemos em alguma outra ocasião, que um grupo dialogando, pode ser comparado a um raio laser. A luz ordinária é chamada “incoerente”. Isto quer dizer que ela vai para tudo quanto é direção; quer dizer também que as ondas de luz ordinária não estão em fase umas com as outras. Assim sendo, nesta forma de luz, as ondas não estão “construindo” juntas, mas um laser produz um feixe de luz extremamente intenso, resultante do fato de que nele a luz é coerente. As ondas de luz no laser crescem enormemente em intensidade, porque ali toda ela está indo na mesma direção e toda ela está “em fase”. O raio de luz

laser, pode fazer todo um conjunto de coisas que a luz ordinária não consegue fazer.

Pode-se dizer que o pensamento comum que ocorre em uma sociedade, é “incoerente” – ele vai para tudo quanto é direção, com uns pensamentos entrando em conflito e cancelando-se uns aos outros. Mas, se as pessoas estivessem pensando juntas de uma maneira “coerente”, o resultado teria um poder tremendo. Esta é a nossa sugestão. Se nós tivermos uma situação de diálogo – o que ocorre em um grupo que tenha mantido diálogo por um bom tempo, de forma que as pessoas tenham se feito conhecer umas as outras – iremos ter um movimento coerente de pensamento, um movimento coerente de comunicação. Seria um movimento que estaria coerente não apenas no nível que percebemos, mas no nível tácito, um nível sobre o qual temos apenas um vago sentimento. E isto seria mais importante.

“Tácito” significa algo não falado, algo que não pode ser descrito por palavras – tal como o conhecimento tácito exigido para se andar de bicicleta. Este é o conhecimento real e ele pode ser coerente ou não. Estou propondo que o pensamento – o pensar – é na verdade, um sutil processo tácito. O processo concreto de pensar é muito tácito. O significado dos pensamentos é uma coisa basicamente tácita. Aquilo que sobre ele conseguimos dizer expressamente é apenas uma parte muito pequena. Eu penso que nós fazemos quase tudo através dessa espécie de conhecimento tácito. O pensamento está sempre emergindo desse terreno e qualquer mudança fundamental sobre ele terá vindo desse campo tácito. Assim, se nós estivermos nos comunicando no nível tácito, é bem possível que o nosso pensamento esteja mudando.

O processo tácito é comum. Ele é compartilhado. O compartilhamento

não ocorre meramente com a comunicação explícita e com a linguagem corporal. Estas coisas são parte do pensamento tácito, mas não são ele inteiro. Penso que a raça humana como um todo, colocava em prática durante toda a sua evolução pré-civilizatória, o compartilhamento dos processos tácitos. Então, nesses últimos cinco milhares de anos em que construímos as civilizações, perdemos este compartilhamento tácito coletivo: nossas sociedades ficaram grandes demais para manter este compartilhamento geral. Agora temos que começar de novo porque se tornou urgente nos comunicarmos com profundidade. Temos que compartilhar nossa consciência e sermos capazes de pensar em conjunto, a fim de fazer, de forma inteligente, o que precisa ser feito.

Se começarmos a observar o que se passa nesse momento nesse nosso grupo, podemos ver que, aqui, temos uma célula do que está acontecendo na sociedade como um todo. Quando você está por conta própria, você perde um bocado disto. Mesmo quando você estiver numa conversa a dois, esta célula do pensamento coletivo ainda não ocorre.

Nós poderíamos dizer que, de uma forma geral, a nossa cultura busca trabalhar com grupos maiores por duas razões: uma é para buscar entretenimento e diversão; e a outra é para fazer um trabalho que tenha um propósito útil. Ora, o que estou propondo aqui é que o diálogo que estamos querendo passar a ter não tenha nenhuma agenda. Que não estejamos tentando realizar qualquer coisa de útil. Quando estamos tentando realizar alguma coisa de útil ou atingir uma meta, iremos criar por trás uma pressuposição sobre o que é ser útil. E esta pressuposição sobre o que é útil irá nos limitar. Diferentes pessoas irão conceber diferentes conceituações sobre a utilidade e isto irá causar problemas. Poderemos por

exemplo dizer: “Queremos salvar o mundo?” “Queremos criar uma escola?” “Queremos ganhar dinheiro?”, e tudo mais que alguém possa conceber como sendo de utilidade.

Isto irá levar também, a problemas nos diálogos que ocorrem dentro das empresas. Serão os participantes deste diálogo, capazes de deixar de lado a noção de que a obrigação primária deles é a de obterem lucros? Se eles puderem, haverá uma real transformação do gênero humano. Creio que muitos diretores executivos em algumas companhias estão se sentindo infelizes e estão querendo fazer algo - não meramente salvar a companhia - que lhes faça um sentido maior. Da mesma forma que comigo e com vocês, eles estão insatisfeitos a respeito do mundo como um todo. Não é fato que eles todos sejam colecionadores de dinheiro ou exclusivamente orientados pelo lucro.

O que estou sugerindo é que, no diálogo, não tenhamos uma agenda concreta; não estejamos querendo realizar qualquer coisa de útil. Tampouco deveremos ter um líder em permanência. Bem! Este é um problema mais difícil. As pessoas vão ter a tendência de dizer: O.K. Topamos não ter uma agenda, topamos não resolver problema algum, mas será que não teremos que ter alguém que nos diga o que fazer? As sociedades como um todo têm sido organizadas desta forma. Têm sido organizadas a acreditar que não conseguimos funcionar sem esses líderes. Mas, talvez, consigamos!

A idéia por trás do diálogo tem sido ultimamente desenvolvida por um grupo de pessoas. Ela tem se transformado em uma coisa muito comum, ou pelo menos, mais comum do que era antes. É uma idéia que parece que está crescendo na sociedade como um todo. Podemos dizer, que o ambiente e a hora estão maduros para

o diálogo, e as pessoas estão começando a colocá-lo em prática.

Ora, a forma como temos dado início a diálogos em um grupo é, usualmente, por conversas a respeito do ato de dialogar – Falando sobre ele, trocando idéias sobre o porque de estarmos interessados em dialogar, o que o diálogo significa, e assim por diante. - Eu não acredito que seja sábio começar um grupo de diálogo antes de passar por tudo isso. Você poderá começar sem essa conversa prévia, mas então, você terá que acreditar e confiar que o grupo irá dar continuidade ao processo até que mais tarde essas questões surjam para o grupo. Assim, se você estiver pensando em iniciar um trabalho de diálogo com um grupo, uma maneira que sugiro é a de promover um seminário a respeito de diálogo. Aqueles que se interessarem, podem então iniciar o diálogo propriamente dito. Você não precisa se preocupar se está ou não tendo na verdade um diálogo. Este é um dos bloqueios que ocorre. No começo a coisa é sempre mista.

Uma noção básica para um diálogo é a de colocar as pessoas sentadas em um círculo. Este arranjo geométrico não favorece a ninguém em particular e, além disso, permite um processo direto de comunicação. Como já disse, em princípio, o diálogo deveria prosseguir sem qualquer líder ou agenda. Obviamente, nós estamos acostumados a ter líderes e agendas. Assim, se tivermos de começar um encontro aqui, sem um líder, sem agenda e sem propósito, uma forte ansiedade surgirá por não sabermos o que fazer. Uma das coisas adequadas é a de trabalhar esta ansiedade; enfrentá-la. De fato, sabemos por experiência, se as pessoas fizerem isto por uma hora ou duas, eles passarão o período de ansiedade e passarão a falar de uma forma mais livre.

Pode ser útil ter um facilitador para ajudar o grupo funcionar. Este facilitador observa por um tempo o

andamento do grupo, explica de tempo em tempo, o que está se passando com o grupo e coisas similares. Mas, esta função de facilitação deve ser realizada de forma a eliminar-se a si própria. No entanto, isto pode levar um bom tempo. Pode acontecer que as pessoas precisem se encontrar regularmente e manter o diálogo em andamento. Este processo pode exigir encontros semanais ou quinzenais que precisam ser sustentados por um longo tempo - um ano, dois ou mais. Neste período, as coisas que mencionei que acontecem em um grupo de diálogo, terão ocorrido. E as pessoas terão começado a aprender a realmente a depender menos e menos do facilitador. Esta é a minha sugestão. Claro que todo processo é um experimento. Não dá para se garantir o que vai acontecer, mas essa incerteza costuma acontecer em qualquer novo empreendimento. Você leva em conta todas as evidências, considera qual a melhor idéia, quais são as teorias a respeito das mesmas, e depois vai e tenta por em prática.

Há algum tempo atrás houve um antropólogo que viveu por um longo tempo com uma tribo de índios americanos. Era um grupo pequeno, mais ou menos do mesmo tamanho deste aqui. “Caçadores - apanhadores” - Os poucos grupos que ainda costumam viver assim, - costumam se constituir em grupos de 30 ou 40. Grupos que têm agricultura costumam ser bem maiores. Ora, aquela tribo se encontrava, de tempo em tempo, mais ou menos como estamos fazendo aqui, em um círculo. Eles apenas falavam, falavam, falavam. Aparentemente, sem nenhum propósito. Não tomavam nenhuma decisão. Não havia líder. Todos podiam participar. Havia alguns homens ou mulheres sábias, que eram ouvidos um pouco mais - os mais velhos, mas todo mundo tinha liberdade de falar. O encontro continuava até que, finalmente, a

conversa parava por nenhuma razão aparente. Após isso, todo mundo parecia saber o que deveria fazer. Isto porque todos passavam a conhecer as posições dos outros muito bem. Eles podiam então se colocar em grupos menores, os quais se encarregavam de tomar decisões e de fazer coisas.

Num grupo grande como esse, não iremos decidir o que fazer a respeito de nada. Isto é crucial. De outra forma não seremos livres. Nós temos que ter um espaço vazio no qual não sejamos obrigados a fazer nada, nem chegar a qualquer conclusão, nem a dizer ou deixar de dizer qualquer coisa. É um espaço ou um tempo aberto e livre. É como que um espaço ou tempo vazios. A palavra "lazer" parece ter um sentido bom para representar esse espaço ou tempo livre. Já a palavra "ocupado" parece ter um significado oposto ao da palavra "lazer". Lazer representa um espaço ou um período em que se está à vontade. Ocupado representa um espaço ou um tempo onde se tem uma coisa definida a se fazer; um tempo onde não se está "à vontade". Assim, nesse nosso lazer, temos um espaço ou tempo livres onde qualquer coisa pode ser posta. E após termos colocado nele alguma coisa, nós simplesmente esvaziamos esse espaço de novo; não tentamos acumular qualquer tipo de coisa. É como um amigo meu costumava dizer: "O copo tem que estar vazio para se poder por alguma coisa". Esses pontos, - deste parágrafo -, são essenciais para que ocorra um diálogo.

Nesse período de lazer necessário para o diálogo, quando um grupo é novo, em geral as pessoas não se colocam completamente livres; elas falam por um tempo a respeito de um assunto único. Além disso, em todas as relações humanas nos dias de hoje, as pessoas têm o costume de não encarar qualquer coisa diretamente. Elas falam a respeito das coisas evitando as dificuldades. Esta prática, irá

provavelmente acontecer em qualquer grupo como este. Porém, se você mantém o grupo funcionando por um bom tempo, esta tendência tende a quebrar-se. Em um diálogo já costumeiro, em uma certa tarde, um participante tomou a palavra dizendo: O.K. - Estamos todos falando a respeito de filosofia. Posso ler um trecho filosófico que trouxe de casa?". Algumas pessoas disseram: "Não!". E assim, ele não leu o trecho. Pareceu uma coisa um pouco chocante, mas funcionou muito bem".

Tudo precisa "funcionar". As pessoas chegarão em um grupo com diferentes interesses e diferentes pressuposições. No começo, elas podem ter negociações, coisa que é um estágio muito preliminar de diálogo. Em outras palavras, se as pessoas tem diferentes maneiras de atacar um problema, elas têm que fazer de uma maneira ou de outra, um tipo de negociação. No entanto, esta não é a finalidade de um diálogo; é apenas o começo. A negociação envolve a descoberta de um meio para prosseguir. Assim, se você apenas negocia, você não vai muito longe - embora, algumas questões precisem ser negociadas.

Uma grande parte do que é atualmente considerado diálogo tende a se focar em negociações, mas como disse, este é um estágio muito preliminar. As pessoas não estão geralmente prontas para passar para assuntos mais profundos quando têm, primeiro, que fazer essa coisa descrita acima: uma negociação a qual costumam dar o nome de diálogo. Elas, na verdade, estão negociando; e isto é o que mais longe elas conseguem ir. Quando "Bush e Gorbachev" se encontram, (1989), por exemplo, as negociações são realmente, apenas um começo do que eles precisam fazer.

A negociação é um "toma lá - dá cá", cada um se ajustando um pouco a necessidade do outro. "O.K. - Percebo o que você precisa. Vejo que

isso é importante para você. Vamos encontrar uma maneira para satisfazer a ambos. Eu cedo um pouquinho aqui e você cede um pouquinho ali, e assim vamos ver como se pode funcionar". Ora, isto não é na verdade um relacionamento próximo, mas torna possível fazer as coisas começarem a andar.

Temos dito que as pessoas em qualquer grupo trazem para ele suas pressuposições e que na medida que o grupo continuar a se encontrar, essas pressuposições virão à tona. Então o que se precisa fazer é deixar essas pressuposições em *suspense*. Com isto você nem as trabalha, nem as suprime. Você não acredita nelas, nem desacredita delas; você não as julga boas ou más. Você simplesmente vê o que elas significam, não apenas as pressuposições suas, mas também as dos outros. No diálogo não estaremos tentando mudar a opinião de quem quer que seja. Quando este grupo terminar alguém pode ou não ter mudado de opinião.

Isto é parte do que eu considero diálogo. Achar um tempo para as pessoas perceberem o que se passa na mente dos outros, sem chegar a qualquer conclusão ou julgamento. Em um diálogo nós temos que ponderar a questão um pouco, sentir o que ela significa.

Vou lhes dar uma sugestão sobre como a coisa pode funcionar. As pressuposições irão chegar através das atitudes ou das falas das pessoas. E se você escuta um outro trazer uma pressuposição que lhe parece ultrajante, a resposta natural tende a ser a de ficar irado ou excitado e a reagir de uma maneira compatível, mas imagine que você coloque esta atividade em *suspense*. Quando você faz isto, parece que a pressuposição fica como que dependurada na frente de si. Você não estará eliminando-a, não estará trabalhando com ela, não estará acreditando ou desacreditando dela. Você estará simplesmente,

percebendo o sentido da sua pressuposição em comparação com as pressuposições das demais pessoas. Você pode mesmo nem saber que você tinha uma pressuposição. Foi apenas porque alguém chegou com uma pressuposição oposta a sua, que você descobriu que você tinha uma. Agora, você poderá descobrir outras pressuposições, mas nós estaremos apenas deixando-as em *suspense*. Olhando para todas elas e percebendo o que elas significam.

A primeira coisa a fazer é levar em conta as opiniões de todos os participantes. Ao ouvi-las, você precisa prestar atenção às suas próprias reações de hostilidade. Precisa perceber também - pelas formas como as pessoas se comportam ou pelas reações delas - o que ainda não conseguem se expressar por meio de opiniões. Você poderá descobrir, como acontece com a ira, que as reações poderão ir tão longe que o encontro poderá ir pelos ares. Embora eu pense que este grupo se tornou tão integrado que é difícil que isso aconteça aqui. Esse grupo é mais coerente em algumas formas de ser do que muitos grupos que já vi. Aqui, muitos participantes têm estado juntos pelo menos uma vez por ano, por diversos anos. Num grupo em geral não é relevante haver a participação de todos. Se alguém no grupo - uma fração do grupo - tiver compartilhado um trabalho, isto afeta o grupo como um todo. Se as temperaturas subirem, aqueles que não forem apanhados de forma completa, por suas opiniões particulares relativas ao tema que aqueceu o ambiente, poderão contribuir para acalmar a situação, de modo que as pessoas possam olhar para ela. O ambiente não pode se tornar quente o suficiente para que as pessoas não consigam olhar para ele. A questão é manter o estado de ânimo do grupo num nível tal que as opiniões escondidas venham para fora, mas não num nível onde não se consiga

observar o ambiente. Neste estado, você poderá ver que as hostilidades das outras pessoas provocam a sua própria hostilidade. Isto é parte da observação. À medida que você for processando as coisas dessa maneira, você se tornará mais familiar em relação a como os pensamentos funcionam.

O que estará se passando, é parte do pensamento coletivo - pessoas pensando juntas. Num determinado estágio, você e os demais, compartilharão suas opiniões sem hostilidade, e então, todos se tornarão capazes de *pensar em conjunto*. O pensamento será então "coerente" como a luz do laser. Quando defendemos uma opinião definida, não conseguimos pensar juntos. Um exemplo de como as pessoas pensam em conjunto, acontece assim: uma pessoa tem uma idéia; um outro a pega para si; um terceiro adiciona algo à idéia inicial. O pensamento flui através de muitos - como na metáfora da luz laser - ao invés de haver um punhado de pessoas diferentes, cada um tentando persuadir ou convencer os outros de *modo incoerente* - como na metáfora da luz de uma lâmpada incandescente.

No começo as pessoas não irão confiar umas nas outras, mas penso que, se elas conseguirem ver a importância do diálogo, irão trabalhar com ele. À medida que elas começam a conhecer umas a outras, começam a confiar umas nas outras. Isto pode levar tempo. No começo você irá chegar ao grupo trazendo todos os problemas da cultura e da sociedade de onde você veio. Qualquer grupo como este aqui, é um microcosmo da sociedade - ele tem todo tipo de opiniões, pessoas não confiando umas nas outras, e assim por diante. Então você terá que começar a trabalhar a partir deste ponto. As pessoas falam, no começo, de modo bastante trivial e mais tarde com muito menos trivialidade. Inicialmente, falam de

assuntos superficiais, porque estão com medo de se aprofundar; após, gradualmente, conseguem aprender a confiar umas nas outras.

O objeto do diálogo, não é o de analisar as coisas, não é o de vencer por meio de argumentos ou ainda o de trocar opiniões. Pelo contrário, o que se pede é que você deixe as suas opiniões *em suspenso* e observe todas as opiniões - ouvir as opiniões de todos, deixá-las *em suspenso* e ver o que cada uma delas significa. Se todos nós conseguirmos ver o que todas as opiniões significam, então, estaremos, todos nós, *compartilhando um conteúdo comum*, mesmo quando não concordarmos com algumas opiniões. Há seu tempo, todos verificarão que opiniões não são coisas realmente muito importantes - elas são, todas elas, provenientes de pressuposições. Se nós conseguirmos vê-las todas, então conseguiremos, mais criativamente, nos mover em uma direção diferente e comum. Ante as opiniões, nós podemos, simplesmente, compartilhar nossa apreciação de seus significados; e de tudo isso, a verdade emerge sem se anunciar - sem que nós a tenhamos escolhido.

Quando cada um de nós nesta sala estiver mantendo as opiniões *em suspenso*, então todos nós estaremos fazendo a mesma coisa. Todos nós estaremos olhando juntamente a tudo. Assim o conteúdo de nossa consciência será essencialmente o mesmo. Quando isso ocorrer, um diferente tipo de consciência será possível entre nós - *uma consciência participativa* - como na verdade toda consciência o é, mas neste caso o grupo reconhecerá de que se trata de uma consciência participativa e de que ela estará fluindo livremente entre as pessoas. Assim, tudo estará se movendo entre nós. Cada pessoa estará participando e tomando parte de um significado que pertence ao grupo, e que, também, será o significado para ela. Podemos chamar isso um diálogo verdadeiro.

Alguma coisa mais importante irá acontecer se conseguirmos fazer isso, se conseguirmos gerenciar isso. Todas as pessoas estarão compartilhando todas as pressuposições do grupo. Se todo mundo vê, o significado conjunto de todas as pressuposições, então, o conteúdo da consciência de cada um é essencialmente o mesmo, e é a consciência do grupo. Pelo contrário, se nós tivermos diferentes pressuposições e tentarmos defendê-las, cada um estará tendo um diferente pensamento, com conteúdos diferentes, porque não estaremos realmente tomando parte nas pressuposições das demais pessoas. Estaremos todos em luta, tratando de empurrar nossas pressuposições para os outros – tentando convencer ou persuadir as outras pessoas.

Convicção e persuasão não são chamadas para estar presentes em uma sala onde se quer ter um diálogo. A palavra “convencer”, significa vencer por meio de palavras. A palavra “persuadir”, tem um significado similar. As pessoas, às vezes, tentam persuadir utilizando uma conversa suave. Às vezes tentam convencer empregando uma conversa dura. Ambas dão no mesmo. Nenhuma delas é relevante para o diálogo. Aqui, ser persuadido ou convencido não tem lugar, pois não constróem “pensamentos coerentes”. Se alguma coisa está certa, você não precisa ser persuadido. Se alguém tem que persuadir você, então é porque há alguma dúvida sobre o assunto.

Se nós conseguirmos compartilhar um significado comum, estaremos participando juntos no mesmo pensamento. Nós estaremos compartilhando um significado comum – da mesma forma, como pessoas compartilham juntas um alimento. Nós estaremos tomando parte, pela comunicação, na criação de um significado comum. Isto será participar, o que significa, ao mesmo

tempo, ser parte e tomar parte. Esta participação significará que uma mente comum estará surgindo. Isto, no entanto, não excluirá o indivíduo. O indivíduo poderá ter uma opinião separada, mas essa opinião será também absorvida pelo grupo. A pessoa poderá ou não manter a sua opinião, mas o que a coisa significará para ela será vista por todos. Sempre que as pessoas têm opiniões ou pressuposições que defendem, existe algo que interfere com a criatividade. Se você está defendendo uma pressuposição, você está empurrando para fora tudo o que é novo.

Em um diálogo, todo mundo está livre, não é como uma multidão, onde a mente coletiva assume o controle – absolutamente não é nada disso. Trata-se de algo entre o individual e o coletivo. Algo que pode se mover entre eles. É uma harmonia entre o individual e o coletivo, na qual o *todo* constantemente se move na direção da coerência. Assim, existe no diálogo, tanto uma mente coletiva, como uma mente individual e, tal como numa corrente, o pensamento flui entre elas. As opiniões, portanto, não importam muito. Quando estivermos dialogando verdadeiramente, nós, finalmente, estaremos em algum lugar entre todas essas opiniões e estaremos nos movendo para além delas em uma outra direção – uma direção tangencial, para algo novo e criativo.

Bem, essa seria a situação ideal. Acabamos de desenhar o quadro, o panorama ideal, mas quando começarmos vocês perceberão, obviamente, que isto não estará ocorrendo. Este fato é, freqüentemente, o que se passa num diálogo – A coisa que parece fazer sentido, que parece coerente e correta, não funciona quando tentamos pô-la em prática – A coisa que *não faz sentido*, é a coisa que *parece funcionar*.

Você poderá perceber que existe uma similaridade entre as dificuldades

que ocorrem dentro de um grupo, com aquilo que, como dissemos antes, ocorre em relação a pensamentos conflituosos e incoerentes dentro de um indivíduo. O indivíduo tem que deixar as suas pressuposições *em suspenso*, e o grupo têm que fazer o mesmo. Há, no entanto, um outro fator em um grupo. No grupo, as pressuposições culturais coletivas surgem em muito maior frequência. Em um grupo grande como este, muitas sub-culturas, com suas pressuposições, estarão presentes.

Uma sociedade é um conjunto de ligações relacionais que são estabelecidas entre as pessoas, a fim de trabalharem e viverem juntas: regras, leis, instituições, e muitas outras coisas. Essas coisas são feitas, com base no pensamento e na concordância de que iremos precisar delas, e assim as construímos. Atrás de tudo isso está uma cultura que é um conjunto de significados compartilhados. Mesmo quando dizemos que queremos criar um governo, as pessoas precisam concordar com um significado comum para o tipo de governo que desejam. - O que eu considero que é um bom governo; o que é um procedimento governamental certo, e assim por diante - Diferentes culturas irão produzir diferentes funções governamentais. E se alguém não concordar com alguma delas, teremos uma disputa política. Quando a coisa vai muito longe, pode se irromper uma guerra civil.

Eu estou dizendo que a sociedade é baseada em *significados compartilhados*, os quais constituem a cultura. Se nós não compartilharmos significados coerentes, não iremos levar uma sociedade muito avante. No presente, a sociedade humana como um todo, tem um conjunto muito incoerente de significados. De fato, este conjunto de "significados compartilhados", é tão incoerente, que é difícil dizer que a sociedade tem algum significado real em comum.

Existe uma certa quantidade de significância nisso tudo, mas muito limitada. Uma cultura em geral é *incoerente*. E nós iremos trazer conosco para o grupo - para nosso microcosmo ou nossa micro-cultura - uma incoerência correspondente.

No entanto, se todos os significados puderem surgir no grupo ao mesmo tempo, poderemos ser capazes de trabalhar na direção da coerência. Quando isso acontecer, o resultado será o de nos levar natural e facilmente a abandonar uma grande parte de nossos significados. Mas, é claro, nós não teremos que começar pela aceitação ou rejeição deles. A coisa importante é que nós nunca chegaremos à ver a verdade, a menos, que tenhamos um significado global coerente. Todos os significados do passado e do presente estarão juntos quando começarmos. Primeiro teremos que apanhá-los para nós e depois deixá-los apenas ser; e isto trará início de uma ordem.

Se nós conseguirmos fazer as coisas funcionarem, nós teremos um significado coerente no grupo e, assim, o início de um novo tipo de cultura - de um tipo que, no quanto pudermos falar, nunca existiu antes - Se alguma vez existiu, deve ter sido num passado muito longínquo - talvez em alguns grupos primitivos na Idade da Pedra. Estou dizendo que uma cultura genuína pode surgir, na qual opiniões e pressuposições não são defendidas incoerentemente, e que uma cultura desse tipo é necessária para a sociedade funcionar bem e no fim de tudo para que a sociedade humana sobreviva.

Um grupo no qual isto vier a ocorrer, poderá ser o germe ou o micro-cosmos de uma cultura maior que poderá se espalhar em múltiplas direções, não apenas criando novos grupos, mas também comunicando a muitos a noção do que isto significa.

O espírito que predomina neste tipo de diálogo pode ser levado

também para grupos menores, para a relação um a um, ou para o próprio indivíduo. Se um indivíduo puder manter *em suspenso* em sua mente, todo o conjunto de significados que possui, ele terá a atitude de diálogo. Essa pessoa poderá comunicar esta atitude tanto verbal, como não verbalmente, a outras pessoas.

Em princípio, isto pode se esparramar. Muitas pessoas estão interessadas em conhecer mais sobre o diálogo nos dias de hoje. Vemos que a coisa está crescendo. O momento parece maduro para colocarmos em prática essa noção; ela poderá talvez esparramar para diferentes áreas.

Creio que isto é necessário para o bom fundamento da sociedade e para o desenvolvimento sustentado para a humanidade. De outra maneira, as coisas se partirão para o caos. Este *significado compartilhado* é realmente o cimento que mantém uma sociedade unida e você pode dizer que a sociedade presente tem uma espécie de cimento de qualidade muito ruim. Se você constrói um prédio com cimento de má qualidade, ele trinca e vai para o chão. Nós realmente precisamos do bom adesivo e este é o *significado compartilhado*.

Bem, falamos a respeito do lado positivo do diálogo. Entretanto, a tentativa de dialogar pode ser muito frustrante e eu não digo isso apenas a partir de uma posição teórica, mas como fruto da própria experiência. Já mencionamos algumas das dificuldades: é frustrante ter todas essas opiniões; é frustrante ter algumas pessoas mais dominadoras e outras que acham difícil falar; as pessoas podem cair nas armadilhas dos joguinhos psicológicos; pode haver ansiedade.

Ora, como você irá lidar com todas essas frustrações no grupo? Como dissemos antes, as coisas podem lhe tornar irado, frustrado ou podem amedrontá-lo. Seus pressupostos podem ser revelados a todos e

ameaçados; você pode achar as opiniões dos outros ultrajantes. As pessoas podem ficar amedrontadas e ansiosas, se não houver um líder e se não houver um tópico ou nada "para fazer". Vocês terão que passar por tudo isso.

Estes são alguns dos problemas que irão surgir - problemas que tem surgido em todos os grupos que tenho visto. E você pode esperar que eles sejam quase que inevitáveis, e pode então se perguntar: "Então, se é assim, para que vamos fazer tudo isso?". Precisamos explorar isso um pouco mais.

Estou dizendo que há uma *razão* fundamental para se dialogar. Na verdade, nós precisamos dele. Esta razão deve ser forte o suficiente para levar-nos a passar por todas essas frustrações que falamos. As pessoas geralmente parecem prontas para aceitar frustrações advindas de qualquer coisa que considerem importantes. Trabalhar, ganhar dinheiro, por exemplo, é freqüentemente frustrante; produz ansiedade. Apesar disso, as pessoas dizem: "Ah! Isto é importante! Temos que fazer isso". As pessoas sentem-se assim em todo tipo de coisa. Estou dizendo que se considerarmos o diálogo como coisa importante, mais que importante, como coisa necessária, nós iremos falar o mesmo a respeito dele "Temos que fazer isso". Mas se não estivermos convictos que ele é necessário iremos dizer: "Bem, para que tudo isso? É muita dor de cabeça! Vamos abandonar essa coisa. Afinal, ela não está produzindo nada de bom. "Você vê. Não tem jeito. Você tem que explorar qualquer coisa nova por um bom tempo para saber se vale a pena. Na ciência, ou em qualquer outra parte, você também tem que passar por um período que não está levando a nada, enquanto você está fazendo suas explorações. Mas, apesar de poder prever essas coisas, quando elas

ocorrem não deixam de ser um bocado desencorajadoras.

Se nós pudermos deixar em suspenso nossos impulsos; deixar em suspenso nossas pressuposições; se pudermos olhar a partir de uma posição observadora para todas elas, então estaremos todos no mesmo estado de consciência - O conteúdo de nossa consciência, será o mesmo, e assim, nós teremos estabelecido a coisa que muitas pessoas dizem querer - uma consciência comum. Poderá não ter sido muito agradável, mas teremos conseguido. As pessoas tendem a pensar a respeito de uma consciência comum como sendo "Céu compartilhado". Isto pode ser, mas estou dizendo que a estrada para chegar lá passa por tudo isso. Enquanto não chegarmos lá, nós teremos que compartilhar as consciências que de fato hoje temos. Nós não poderemos impô-las a quem quer que seja, mas se as pessoas puderem compartilhar a frustração e a percepção das diferentes pressuposições contraditórias; se puderem compartilhar sua raiva mútua; se permanecerem no caminho - se todos estiverem irados juntos, e olharem juntos para esta ira - então, você terá uma consciência comum.

Mesmo o ódio, se compartilhado, pode ser uma poderosa conexão. Lembro-me que muitos anos atrás visitei um povoado na Irlanda e ali dei uma palestra. As pessoas tinham vindo da Alemanha, aonde foram lutadores contra o nazismo. Eles lutaram contra os nazistas por um tempo, mas, depois deixaram a Alemanha, quando isto ainda era possível. Eles disseram-me que sentiam saudade dos nazistas, que sentiam saudade daquele ódio, porque lhes dava energia e significados para a vida. Havia uma espécie de anticlímax. A questão é que, este ódio é, em si mesmo, um unificador poderoso. Na ocasião, as pessoas podiam permanecer com ele em conjunto, por

isso estavam, na verdade, compartilhando-o - então, essa força do ódio podia ser mudada em uma outra coisa qualquer. Se as pessoas conseguirem permanecer com o poder, a violência, o ódio, ou qualquer coisa similar, até o fim, irão sofrer uma espécie de colapso - porque afinal de contas, irão ver que todos estarão iguais uns aos outros, e conseqüentemente, eles irão ter participação e companheirismo. As pessoas que passaram por situações similares, podem se tornar bons amigos. A coisa se passa diferentemente do que se passa com as pessoas "comuns". Tornam-se mais abertas e capazes de confiarem mais nas outras. Eles já terão passado através daquilo que tinham medo, e, dessa forma, o que é inteligente pode passar a funcionar.

Existe uma outra história que eu gostaria de relatar. Conheci um homem em Londres, que era psicólogo infantil. Ele me disse que uma vez alguém lhe trouxe uma garota cerca de 7 anos que estava muito perturbada. Ela recusava-se a falar com quem quer que fosse. Os que a trouxeram, esperavam que o psicólogo pudesse ajudar no trabalho de fazê-la falar. Ele tentou por cerca de uma hora e não conseguiu nenhum resultado. Finalmente, ficando exasperado, ele disse: "Por que você não fala comigo?" - Ela acabou por responder "Porque eu odeio você!". Ele imaginou que ele tinha que aproveitar a oportunidade para ganhar tempo. Então ele disse: "Por quanto tempo você vai me odiar?" Ela disse: "Eu vou odiar você para sempre!". Ele ficou um pouco preocupado e então, buscou ganhar mais um tempo. Ele perguntou-lhe: "Por quanto tempo você irá me odiar para sempre?". Então, ela caiu no riso e a resistência se quebrou. A energia que estava guardada passou então a ser disponível. O absurdo da coisa toda foi mostrado para ela - tratava-se de algo incoerente. Ela estava dizendo que iria

odiá-lo para sempre, mas, podia ver, que as coisas não seriam assim; e se as coisas não iriam ser assim, a própria idéia que tinha de manter para sempre o ódio, não precisava ser levada em frente.

Da mesma forma como o ódio é uma emoção poderosa, o pânico é uma outra. Alguns grupos de diálogo podem entrar em pânico. Eu não acredito que isso possa acontecer aqui, embora tenha ouvido alguns dizerem que pode – pelo menos, pode ocorrer um momento de pânico não sustentado. Em relação ao pânico, você pode chegar a ele, a partir de muitas coisas. Se você está subindo uma montanha, você pode entrar num momento de pânico, você pode entrar em pânico em relação ao seu dinheiro, em relação ao seu trabalho, enfim, quase que em relação a qualquer coisa. As pessoas entram em pânico, porque pensam que o que está em jogo é importante, e eles têm que passar por aquilo. Se você puder ficar pensando quase sem parar nas dificuldades que eu disse a respeito do diálogo, mas acha o diálogo importante, você poderá começar a passar por um estágio de ódio ou pânico. Esta passagem por um momento difícil, habitualmente nos muda fundamentalmente.

Quando você fica com raiva há uma razão ou uma causa. Você costuma dizer que está com raiva por causa disso, daquilo ou daquilo outro. Se você não a trata, esta raiva cresce em direção a ira e ao ódio, atingindo um ponto, onde não precisa mais de razão para existir – ela sustenta a si própria. A energia do ódio está como que presa, armazenada, buscando uma oportunidade para se descarregar. O mesmo ocorre com o pânico. Você, usualmente, está consciente a respeito da razão do seu medo, mas se a coisa não é tratada, quando ele vira pânico, ele continua por si próprio – não precisa mais de uma razão. O tipo de energia que entra em jogo neste

momento, de ódio ou de pânico, tem semelhança com o tipo de energia que estamos falando a respeito da criatividade – isto é, *uma energia sem uma razão*.

O fato de compartilhar um conteúdo comum de consciência é mostrado através daquilo que as pessoas dizem através da maneira como pensam e pela postura de seus corpos. Quando você olha o grupo, o que está se passando no exterior das pessoas e no interior delas, é muito similar entre uma pessoa e outra. Todo mundo está em uma situação similar, pois todo mundo está fazendo basicamente a mesma coisa – que consiste em todos terem diferentes opiniões que estão em conflito com a opinião dos outros, freqüentemente levando a angústia, ira, ódio, medo, pânico, dos tipos que descrevemos acima.

Nesta situação de um diálogo, no entanto, algumas pessoas, podem não se sentir tão fortemente presas a determinadas opiniões e como eu disse, essas pessoas podem fazer parte de um processo de clarificar uma questão particular de forma que ela não fique tão confrontadora, tão polarizada, ou, de uma forma ou de outra, tão carregada emocionalmente. Se as pessoas puderem sustentar essa situação por um tempo, olhando-a e observando-a, então uma mudança pode ocorrer. Uma percepção comum pode tomar o lugar das percepções individuais. Esta percepção comum é mais forte, porque muitas pessoas estão envolvidas e assim está sendo reforçada coletivamente, socialmente e individualmente. A percepção comum aumenta cada vez mais.

O coletivo, no entanto, é também freqüentemente perturbador. O grupo pode agir como uma espécie de consciência. Por exemplo, induzindo a poderosos sentimentos de culpa entre seus membros. Isto ocorre, porque parece sermos construídos de uma forma tal que tendemos a olhar

para aquilo que todo mundo concorda, como sendo a verdade. O grupo pode ainda agir como uma outra coisa qualquer, a qual as pessoas tem medo de se opor.

Existe um grande potencial de violência nas opiniões que estamos defendendo, elas não são meramente opiniões, não são meramente pressuposições; são suposições com as quais nos identificamos. Nós as estamos defendendo porque é como se estivéssemos defendendo a nós mesmos. O impulso natural de autodefesa que trouxemos das árvores foi transferido dos animais da floresta para essas opiniões. Em outras palavras, nós dizemos que há algumas opiniões perigosas andando lá fora – como se fossem perigosos tigres. E a alguns animais muito preciosos dentro de nós que precisam ser defendidos. Assim, um impulso que, na floresta, fazia sentido, foi transferido para nossas opiniões em nossa vida moderna. E, em um diálogo, precisamos estar conscientes a respeito disso tudo de forma coletiva.

Enfrentar esse tipo de coisa pode ser feito coletivamente ou individualmente. Na verdade, nós precisamos adotar ambas as posturas, mas alguma coisa nova – todo o condicionamento cultural – vem a se manifestar quando você enfrenta esta situação coletivamente. Quando se está só é muito difícil ter consciência deste condicionamento. As pessoas que estão normalmente em um ambiente onde são cercadas por outras que têm cultura similar estão, sem perceber, compartilhando pressuposições. Já em um grupo de diálogo que tenha em torno de 30 pessoas, existem pessoas com pressuposições diferentes. Existem coisas não compartilhadas. A questão é que estamos diante do fato de que não compartilhamos do nosso *background*. Não inteiramente. Nós compartilhamos um bocado de coisa, mas, a discordância em relação a um ponto específico, pode ser suficiente

para levar tudo pelos ares. E quanto mais compartilharmos, mais rápido as coisas voarão para os ares quando há um ponto com o qual não concordamos.

Vou lhes descrever o que pode acontecer em um diálogo, se nós o sustentamos e nos fazemos passar pelas fases desagradáveis do processo de caminhar juntos. Em tal diálogo, toda a estrutura de defesas, opiniões e divisões, podem entrar em colapso e subitamente o sentimento predominante pode passar a ser o de companheirismo, amizade, participação e compartilhamento. Isto ocorre devido ao fato de que, quando estávamos compartilhando todas aquelas opiniões, estávamos todos participando na mesma coisa. Todos estavam tomando parte da consciência comum. Assim, o sentimento que é criado é de participação e envolvimento.

Mas enquanto tivermos uma atitude defensiva, guardando pressupostos, atendo-se a eles e dizendo: ‘Finalmente eu tenho que estar certo’, e coisas similares, o nível de inteligência mostrado estará muito limitado, porque é inteligente não defender um pressuposto. A própria estrutura de um pressuposto ou de uma opinião, é de que são coisas abertas a demonstrar que não estão certas.

Isso não quer dizer que iremos impor a qualquer um a opinião do grupo. Todo mundo pode ter ou não, uma opinião diferente – isso não é importante. Não é necessário que todo mundo esteja convicto da mesma perspectiva. É o compartilhamento da mente e da consciência, que é mais importante. Como se pode ver, as opiniões são sempre limitadas. A resposta verdadeira, não está na opinião ou na pressuposição de quem quer que seja. A verdade não emerge de opiniões; ela emerge de algo mais – talvez, de um movimento mais livre da mente tácita. Assim, teremos de

descobrir significados que sejam coerentes se estivermos buscando a verdade ou, pelo menos, parte da verdade. É por isso que digo que o diálogo é tão importante. Se os nossos significados são incoerentes, como iremos participar na verdade?

Não existe estrada para a verdade. O que estamos dizendo é que no diálogo compartilhamos todas as estradas e finalmente vemos que nenhuma delas importa. Nós vemos os significados de todos os caminhos e assim chegamos a “nenhum caminho”. De maneira subjacente todas as estradas são as mesmas, pelo fato de que elas são estradas - são coisas rígidas.

Penso que essa coisa nova irá, por exemplo, abrir caminho para mudar o panorama ecológico atual. O movimento ecológico propriamente dito, isto é, o “movimento verde”, está em perigo de fragmentação e ruptura, porque muitos desses grupos têm opiniões diferentes de como lidar com os problemas. Assim, eles podem acabar brigando uns com os outros, da mesma maneira como lutam pela ecologia. Conseqüentemente é particularmente urgente que esse movimento comece um diálogo amplo.

As pessoas preocupadas com a ecologia estão, claramente, conscientes a respeito de alguns de nossos problemas planetários. Mas creio que muitas delas não estão muito conscientes a respeito de suas pressuposições e sobre o processo tácito de pensar. Penso que é importante chamar a atenção para esta questão de forma explícita, afim de que se torne claro qual é o problema básico. Aqui, duas naturezas de atividades andam juntas - Despoluir os rios, reflorestar grandes áreas degradadas, salvar as baleias, precisam andar juntos com problemas de outra natureza: com o problema do diálogo e com problema geral de aprender a pensar. Os primeiros dependem dos segundos, porque qualquer uma

dessas naturezas de atividades, se tratada sozinha, não é suficiente. Se nós todos juntos, conversarmos a respeito do pensamento e do processo de pensar, por um longo período de tempo, o planeta inteiro pode ser destruído no meio do caminho. O papel do diálogo é o de trabalhar os níveis tácitos dos processos mentais: níveis onde as coisas mais significantes acontecem.

Existem situações onde as pessoas têm diferentes pressuposições e opiniões; onde uma facção está interessada em um assunto e outra não está. Mesmo assim, de uma forma ou de outra, precisamos fazer com que um diálogo aconteça mesmo se uma facção não for participar. Aquele que estiver querendo participação pode fazê-la por um diálogo entre a sua forma de pensar e a forma de pensar do outro, mesmo quando não se conta com o outro. Nós podemos, pelo menos, dialogar conosco mesmo. Esta deve ser nossa atitude ante o diálogo. Quanto mais à frente esta atitude se espalhar mais, eu creio, ela ajudará trazer ordem. Se nós realmente pudermos fazer alguma coisa criativa, ela poderá afetar a outra pessoa, em seu nível tácito. Neste nível, a comunicação se dará tanto com palavras, como além das palavras. Mas, se continuarmos repetindo a mesma velha história, nenhuma comunicação verdadeira ocorrerá.

Com ou sem diálogo, o pensamento de toda a humanidade, constitui *um todo único*. Apesar de ser um só, este *todo* se manifesta por toda parte com os mais diferentes conteúdos. Assim, estar o espírito do diálogo, por toda parte, é crucial para enfrentar a questão do pensamento; mesmo quando percebemos que estamos caminhando numa direção na qual uma grande parte da cultura não vai, e não concorda em ir.

A noção de diálogo, e, portanto a de uma consciência comum, sugere que deve haver uma forma de sair de

nossas dificuldades coletivas. E nós temos que começar aqui, no meio do povo, que é onde as dificuldades estão, e não a começar no topo da montanha - nas Nações Unidas ou com o Presidente. No entanto, mesmo o Presidente (Bush) e Gorbachev (1989), estão agora começando a ter conversas sem terem agenda e sem terem qualquer obrigação de chegar a conclusões. Assim, a idéia do diálogo, deve ter percolado também para o nível deles; eu não creio que eles tivessem pensado nisso por si mesmos. A idéia de não ter agenda e não ter necessidade de chegar a conclusões tem provavelmente circulado em níveis hierárquicos mais baixos - o que mostra como essas idéias percolam através de toda a sociedade, podendo alcançar seus níveis hierárquicos mais altos.

O fato de que eles estão se encontrando é um desenvolvimento muito saudável. É um bom sinal de que realmente eles vão começar a dialogar. Eu conheço pessoas lá no Ministério das Relações Exteriores que tem familiaridade com essa idéia de diálogo - a idéia de dialogarem, talvez, tenha chegado até os dois por esse caminho. Isto indica, como as coisas podem se comunicar muito rapidamente neste mundo moderno - embora possam parecer muito insignificantes no começo. Em três ou quatro passos, ela pode ter atingido todos os tipos de níveis. Como o pensamento coletivo é um só, da mesma forma que os pensamentos destrutivos se comunicam, essa idéia de diálogo, se começar a funcionar bem em alguma parte, logo a veremos por toda parte.

Apesar de que teremos que continuar, por algum tempo, com nossas frustrações a respeito do diálogo, o significado do que estamos fazendo pode ser bem maior do que percebemos à primeira vista. De fato, podemos dizer que, ao invés de nossa frustração ser parte do problema, nos

tornamos parte da solução. Em outras palavras - nosso próprio movimento aqui tem a qualidade das soluções; é parte delas. Por menor que nosso movimento seja, ele tem a qualidade de solução e não a qualidade de problema. Por maior que seja a parte que ainda não dialoga, ela tem a qualidade de problema, e não a de solução. Assim sendo, a questão principal é a de começar a fazer alguma coisa que tenha a qualidade de solução. Como já disse, nós não temos condições de saber, quão rápida ou lentamente, soluções se espalharão. Nós não sabemos quão rapidamente um movimento na mente - *um movimento no processo de pensar e além do processo de pensar* - irá se espalhar.

As pessoas as vezes dizem "O que realmente precisamos é do amor". Evidentemente, isto é verdadeiro. Se tivéssemos amor universal, tudo iria bem. Mas não parece que nós o tenhamos. Parece que não é possível dizer apenas "Muito bem. Agora vai haver amor entre Bush e Gorbachev ou entre quem quer que seja". Como isso não é possível, temos que arranjar um caminho para fazer as coisas funcionarem. Mesmo que possa haver frustração, ansiedade, raiva, ódio ou medo - Nós falamos sobre a ocorrência destas coisas quando se dialoga - temos que descobrir algo que nos leve até onde queremos.

Para ilustrar este ponto, aqui vai uma história a respeito de dois dos maiores físicos deste século, Albert Einstein e Niels Bohr. Einstein se lembrava de que quando ele primeiro se encontrou com Bohr, se sentiu muito próximo a ele. Chegou mesmo a escrever a respeito de um sentimento de amor para com ele. Eles falaram a respeito da física, de forma muito animada, e sobre muitas outras coisas. Mas eles finalmente chegaram a um ponto onde tinham duas diferentes pressuposições, com opiniões, a respeito de qual era o caminho para a verdade. Os julgamentos de Bohr eram

baseados em suas perspectivas a respeito da teoria dos quanta, e os de Einstein eram baseados em suas perspectivas a respeito da teoria da relatividade. Eles falaram a respeito dessas coisas vezes sem par, de uma forma muito paciente, com toda a boa vontade. A coisa continuou por anos e nenhum dos dois cedia. Sem criatividade cada um apenas repetia o que tivera dizendo antes. Assim, finalmente, descobriram que não estavam indo a lugar nenhum e, gradualmente, foram se separando. Acabaram sem se verem um ao outro, por um longo tempo após esta separação.

Então, num determinado ano, ambos se fizeram presentes no encontro do "Institute for Advanced Study" em Princeton, mas mesmo assim não se encontravam pessoalmente. Um matemático de nome Herman Weyl disse: "Seria ótimo se eles se encontrassem. É uma pena que não o façam". Assim, ele arrumou uma festa na qual Einstein, Bohr, e seus respectivos estudantes foram convidados. Einstein e seus associados se mantiveram em um lado da sala, Bohr e seus associados, se mantiveram no lado oposto. Eles não conseguiam se juntar, porque não tinham nada a falar uns com os outros. Eles não conseguiam compartilhar qualquer significado, porque cada um pensava que o seu era verdadeiro. Como você consegue compartilhar, se você tem certeza que você tem a verdade e se o outro também tem a certeza que ele tem a verdade, e as duas verdades não são coerentes? Como compartilhar?

Portanto, você precisa deixar de lado essa noção de verdade. O diálogo pode não estar ligado diretamente à verdade - ele pode chegar à verdade, mas o que lhe diz respeito é o *significado*. Se os significados forem incoerentes, jamais se poderá chegar à verdade. Você pode eventualmente dizer "Nossos significados são

coerentes, mas os deles não são". Nessas circunstâncias não se chegará nunca a significados compartilhados. E se algum de nós se apresenta portando a "verdade", assim a chama, quando uma porção de gente é deixada de fora, ele não está chegando a uma solução, mas estará continuando com um problema. Você irá ter a "verdade" para você mesmo e os de seu grupo, mas não sei qual a consolação que isso irá lhe trazer, pois você irá continuar a ter conflito.

Se for necessário ter significados compartilhados e verdade compartilhada, então temos que fazer as coisas de um modo diferente. Bohr e Einstein deveriam provavelmente ter tido um diálogo. Eu não estou dizendo que eles conseguiriam ter um diálogo, mas em um diálogo eles poderiam ter escutado de maneira adequada às opiniões de cada um dos lados. Após isso eles talvez tivessem chegado a colocar suas opiniões em suspenso e terem se movido para além da relatividade e para além da teoria dos quanta, chegando à algo novo e criativo. Isto é uma coisa que poderia ser feita apenas em princípio, pois eu não creio que essa noção de diálogo tivesse ocorrido para cientistas naquela ocasião.

A ciência é pregada com base no conceito de que ela está alcançando a verdade - uma *única* verdade. A idéia de diálogo é, assim, bastante estranha à corrente estrutura da ciência. A mesma coisa ocorre com a religião. De certa forma, a ciência se transformou na religião dos tempos modernos. Ela está fazendo o papel antigamente exercido pela religião: fornecedora da verdade. Por isso os diferentes cientistas não conseguem fazer mais do que as religiões, uma vez que têm diferentes noções sobre a verdade. Como disse uma vez o cientista Max Planck - "Novas idéias na verdade, não vencem na ciência. O que ocorre é que os velhos cientistas morrem e os novos já chegam praticando as novas idéias".

Ora, claramente, esta não é uma maneira boa de fazer as coisas.

Isso não quer dizer que a ciência não possa trabalhar de outra forma. Se os cientistas pudessem se engajar em diálogos, isto seria uma revolução radical na prática científica - na própria natureza da ciência. Em princípio, os cientistas estão comprometidos com os conceitos envolvidos no diálogo. Eles dizem, "Precisamos ouvir, não podemos excluir coisa alguma".

No entanto, eles percebem que não conseguem fazer isso. Isso ocorre não apenas devido ao fato de que os cientistas compartilham aquilo que todo mundo compartilha - as pressuposições e as opiniões - É também devido, a que a própria noção que tem servido de base para construir ciência, nos dias atuais, é a de que ela está buscando a verdade. Porém poucos cientistas questionam a pressuposição de que o pensamento seja capaz de vir a conhecer "tudo que existe", mas esta pode não ser uma pressuposição válida, pois pensamento é abstração o que, inerentemente, implica em limitação. O todo é muito mais que abstrações. Não há maneira pelo qual o pensamento possa apanhar o todo, sendo ele apenas abstração: abstração, apenas limita e define. E o passado do qual o pensamento retira o seu conteúdo, contem apenas uma quantia limitada da realidade. Depois, o presente não está contido nos pensamentos. Assim, uma análise não consegue, na verdade, cobrir o momento da análise.

Existem também os relativistas, que dizem que nunca conseguiremos alcançar verdades absolutas. Porém, eles são apanhados em um paradoxo criado por esta própria afirmação. Estão pressupondo que o relativismo é uma verdade absoluta. Assim, fica claro que as pessoas que acreditam que não se pode chegar a qualquer tipo de verdade absoluta não conseguem dialogar, mesmo entre eles próprios.

Os próprios diferentes relativistas não concordam uns com os outros.

Dissemos que num diálogo haverá frustrações, mas vocês poderão se transformar em melhores amigos se conseguirem passar por suas dificuldades previsíveis. Não que nós demandemos afeição. Não! Não solicitamos a criação de amizades. Nós na verdade não pedimos coisa alguma, mas amizade é coisa que pode acontecer no processo. Se você percebe o pensamento das outras pessoas, percebe como eles funcionam, eles se transformam no seu próprio pensamento e você os trata como seus. Assim, quando uma carga emocional chega, você a compartilha com os seus companheiros de diálogo. No diálogo você mantém seu próprio pensamento junto com os pensamentos dos outros. Nas cargas emocionais costuma vir alguém do grupo para explicar um pouco o que se passa, afim de que a situação não se torne explosiva. Lembrem-se do exemplo da garota e de seu psicólogo: " Até quando, você vai me odiar para sempre?". Humor é também uma coisa que, freqüentemente, num diálogo, serve para acalmar o ambiente. Pode acontecer ainda, algo imprevisto - Observações imprevisíveis, por exemplo.

Às vezes, as pessoas percebem um sentido de diálogo em suas próprias famílias, mas uma família é, geralmente, uma entidade hierárquica, organizada com base no princípio da autoridade. Ora! Isso é coisa contrária ao diálogo. Família é uma estrutura altamente autoritária baseada em obrigações e coisas similares. Ela tem seu valor, mas é uma estrutura na qual pode ser difícil obterem-se diálogos. Seria interessante, se vocês conseguissem dialogar em suas famílias - talvez, algumas famílias consigam. Em geral, isso é uma coisa difícil, pois não há, no diálogo, lugar para o princípio de autoridade e hierarquia. Nós, sempre gostamos de

nos livrar da hierarquia e da autoridade, a medida em que nos movemos na prática do diálogo. Ora! Você precisa ter algum tipo de autoridade para fazer coisas “funcionarem”. Esta é a razão pela qual dissemos que, num diálogo, se você tem um “propósito”, você está obrigado a introduzir algum tipo de autoridade. Mas, no tipo de diálogo que estamos propondo, onde não há propósito, nem agenda, onde não queremos fazer coisa alguma, não precisamos ter qualquer autoridade ou hierarquia. Pelo contrário, precisamos de um lugar onde não haja autoridade, nem hierarquia, nem propósitos. Queremos uma espécie de “lugar vazio” onde a gente possa deixar qualquer coisa ser dita.

Em um diálogo nós criamos um espaço vazio onde não temos objetivos especiais, não temos agenda ou programa. Queremos apenas falar uns com os outros. Não queremos estar comprometidos com a realização do que quer que seja. Ninguém é obrigado a concordar com nada. Nós simplesmente ouvimos todas as opiniões, mas se nada parecer ser feito, não nos preocupamos. Se conseguirmos criar este espaço vazio, o processo de diálogo estará nos afetando em um nível muito mais profundo. Ouvir todas as opiniões, nos fará ficar juntos.

A defesa de opiniões separa as pessoas. Cada um de nós, querendo defender sua opinião, leva a que seja evitado o encontro de uns com os outros. Quando isso ocorre não ouvimos uns aos outros: queremos vencer. Mas quando estamos ouvindo todas as opiniões e estamos entendendo todas elas, então, todos estamos nos encontrando. Não precisamos tomar qualquer decisão. Frequentemente veremos que todas as opiniões que temos são limitadas e que precisamos obter algo além das opiniões já disponíveis. Há por exemplo tudo quanto é tipo de opinião

sobre o que fazer a respeito da crise ecológica. Talvez se olhássemos para todas elas, iríamos perceber, que todas são limitadas demais e que precisaríamos encontrar algo mais criativo.

Além disso, se alguém quiser que o grupo realize a sua idéia ou seu propósito, provavelmente geraria um conflito. O diálogo é um instrumento para pessoas que concordam juntas que, o que mencionamos sobre ele, são as melhores formas de fazê-lo. Minha experiência tem mostrado que, se uma pessoa não concordar com essas formas de proceder, ela acabará por não encontrar razões para estar participando dele. Frequentemente você verá que a medida que o diálogo prossegue e que o grupo continua a se encontrar, algumas pessoas vão deixá-lo e outras vão entrar. Há aqueles que vão sentir “Bem, estou vendo que isso aqui não é para mim”.

Vemos que não é uma imposição arbitrária estabelecer que não temos propósito fixo – pelo menos não um propósito absoluto. Nós, eventualmente, podemos estabelecer um propósito relativo para investigação, mas não estamos atados a um propósito particular e mesmo quando aceitamos um propósito transitório para investigação, não estamos nos conformando a ele indefinidamente. Nós todos podemos querer que a humanidade sobreviva, mas mesmo esse não é o nosso propósito. Se você faz questão de chamar alguma coisa de “propósito”, poderá dizer que nós queremos nos comunicar na coerência e na verdade.

Embora nós não queiramos ter “regras” para o diálogo, podemos aprender, na medida que caminhamos, certos princípios operacionais que irão nos ajudar – tais como, por exemplo, o de que precisamos dar espaço para que todos possam falar. Nós não queremos colocar isso como uma regra, mas é algo que percebemos que faz sentido e que estamos aprendendo a fazê-lo.

Assim, com o tempo, acabamos por ver a necessidade ou o valor de certos procedimentos que ajudam. - O de dar espaço, por exemplo. Num diálogo, as pessoas irão gradualmente aprendendo a dar espaço para os outros falarem. Sempre que, em um grupo, você não der espaço para as pessoas falarem, elas pulam para as oportunidades de fazê-lo, com qualquer coisa que tenham na cabeça. Mas, ao mesmo tempo, você não deverá ficar ruminando uma coisa em sua cabeça e querer, após um tempo, que a conversa volte ao que você está pensando; o grupo já terá passado para um outro ponto. Se você pára para pensar sobre um ponto, quando você tiver terminado de pensar sobre ele, o grupo terá se movido para frente e o que você vai querer dizer será então irrelevante. Enquanto você estava pensando - "O que isso tudo significa, e o que devo dizer a respeito disso?". - para o tempo do grupo, uma intervenção, terá ficado tarde demais, pois o tópico da conversa, já terá mudado. Assim, existe uma espécie de situação sutil onde você nem está se lançando nas oportunidades de falar e nem está ficando quieto demais, refletindo. O grupo, quando percebe que existe necessidade coletiva de refletir, cria intuitivamente espaços de silêncio.

Às vezes você poderá descobrir que está a ponto de levantar uma questão quando alguém a traz à luz. Quando isso ocorre, este pensamento estará, provavelmente, latente no grupo como um todo - implícito. Uma pessoa - você - poderá trazê-lo ou outra poderá fazer isso e desenvolver a questão. Se o grupo estiver trabalhando como tal, isto será pensamento unificado - participação comum no pensamento - como se todos tivessem um único processo de pensar. Esse pensamento estará se formando em conjunto.

Bem, diálogo não tem sido uma coisa comum na sociedade humana,

embora ele seja uma coisa necessária se a sociedade quiser atuar coerentemente. Se as pessoas fizessem isso no governo, ou internacionalmente, a nossa sociedade iria, como um todo, funcionar diferentemente. Mas dialogar requer sensibilidade: habilidade para saber quando entrar numa conversa e quando não entrar; habilidade para perceber sinais sutis; habilidade para perceber o que faz sentido se você vier a intervir; habilidade para perceber o que está acontecendo dentro de você, e para perceber o que está acontecendo com o grupo. As pessoas podem mostrar o que está acontecendo com elas, pelos sinais de seus corpos - pelas suas "linguagens corporais" - como também, pelo que estejam dizendo. As pessoas não estarão tentando fazer isso de forma consciente, mas você irá descobrir que isso acontece. Tudo isso é parte da comunicação. Ela será tanto verbal, como não verbal. Você não estará *tentando* fazer isso acontecer. Isso simplesmente ocorre e você poderá não estar consciente de que estará acontecendo.

Assim, sensibilidade envolve sentidos e também algo para além dos sentidos. Sentidos são sensíveis às coisas às quais eles respondem; mas isso não é suficiente. Os sentidos são capazes de lhes dizer o que está se passando, mas então a consciência precisa construir uma "forma"; ou seja, criar um significado sobre o que foi percebido pelos sentidos. Significado é o que faz com que tudo esteja junto. Assim, significado é parte do processo de comunicar. Você é sensível aos significados, ou às faltas de significados. O ser humano tem, portanto, além dos sentidos, uma percepção sobre significados, se você quiser dizer isso dessa maneira. Em outras palavras, esta é uma percepção muito mais sutil. O significado é o que faz tudo ficar uma coisa só. Como já disse, o significado é o "cimento".

Significados não são estáticos; eles fluem; e se nós quisermos ter significados compartilhados, então os significados têm que estar fluindo entre nós. Eles mantêm o grupo como um só. Quando os significados estão fluindo em um grupo, então todos estarão sensíveis a todas as nuances que estão se passando e não apenas sensíveis ao que se está se passando em suas próprias mentes. Significados compartilhados fazem com que conversa e pensamento sejam coerentes. Sempre que, como em geral se passa, as pessoas se mantêm agarradas às suas pressuposições, elas não estão pensando como um só corpo. Cada uma é apenas si mesma. O que bloqueia a sensibilidade e a percepção de significados comuns é a defesa das pressuposições e das opiniões.

Independentemente do tamanho do grupo, a coisa que mais entrava um diálogo, é o agarrar-se a pressuposições ou opiniões: é a preocupação em defendê-las. Se você está identificado pessoalmente com uma opinião, com certeza, isto irá entrar o caminho para o diálogo. Se vocês estiverem identificados coletivamente com uma opinião, o mesmo irá acontecer. A dificuldade principal é que não se consegue ouvir adequadamente a opinião de alguém, quando se está resistindo a ela. Nós, na verdade, não a ouvimos.

Por outro lado, quando você está defendendo suas opiniões, você não deve julgar a si próprio dizendo: "Eu não deveria estar defendendo esta opinião". Pelo contrário, o fato de que você esteja defendendo uma posição lhe obriga a ser mais sensível a todos os próprios sentimentos e suas sutis nuances relativos a esta situação. Nós não estamos lidando com um tipo de grupo que julga, condena ou absolve. Muito embora este não sendo o caso, poderemos perceber que, freqüentemente, julgamentos e suas conseqüências, entravam o bom funcionamento de um diálogo. Assim,

nunca é pouco lembrar que não estamos lidando com grupos avaliadores. O que estamos fazendo é apenas olhar de maneira observadora a todas opiniões e pressuposições, inclusive as nossas, deixando-as vir à superfície. Quando isto ocorre, mudanças profundas tendem a surgir.

Já disse que, num grande grupo, você consegue tocar as pressuposições culturais mais do que você consegue fazê-lo em grupos pequenos ou com uma pessoa. As pressuposições culturais são muito poderosas e usualmente não estamos conscientes a respeito delas, da mesma forma como normalmente não estamos conscientes sobre o sotaque em nossa forma de falar. Veja, as outras pessoas podem lhe dizer, com facilidade, quando você tem um sotaque, mas isto é muito difícil de perceber por si próprio. O sotaque é, para você, parte da sua cultura. Bem, uma grande parte de nossas pressuposições são, igualmente, parte de nossa cultura e entram em todos os nossos relacionamentos.

Um amigo com quem por um tempo tinha o hábito de conversar sobre essas idéias, dizia que "ser", é "ser relacionado". Mas relacionamentos podem ser muito penosos. Você tem que pensar/sentir todos os seus processos mentais e corporais e trabalhar todos eles. Só então, o caminho para algo novo pode se abrir. Eu creio que isto é o que pode acontecer em um grupo que dialoga. Certas coisas penosas podem acontecer para algumas pessoas do grupo; você terá que trabalhá-las todas.

Certa vez tivemos um diálogo na Suécia no qual o grupo pareceu se dividir em duas facções. Uma das facções era de pessoas da - "Nova Era". Elas começaram desde o início do encontro a falar a respeito das virtudes do amor e que o lugar inteiro estava cheio de amor e que, onde quer que se estivesse, tudo era amor. Na outra parte do grupo as pessoas permaneceram silentes por um tempo

mas, na próxima hora, todas começaram a falar. Elas fizeram questão de deixar patente que toda aquela conversa a respeito do amor era sandice sentimental e não queria dizer coisa alguma. Então um dos participantes ficou tão excitado que não conseguiu permanecer com o grupo, abandonando-o. No final ele acabou voltando e todos ficaram novamente juntos.

Uma polarização tinha tomado lugar - o que é uma dificuldade típica que pode surgir. Alguém percebeu a ocorrência da polarização com um toque de bom humor: "Existem aqui dois grupos - o grupo do amor e o grupo do ódio". Aquilo quebrou um pouco a tensão e os dois lados começaram a conversar. Eles não necessariamente convenceram uns aos outros, mas cada um foi capaz de perceber o significado da posição do outro lado e assim os dois grupos polarizados tornaram-se capazes de conversar entre eles.

Bem, a coisa mais importante foi a de terem parado de buscar convencer uns aos outros. Quando isto ocorre, as partes podem perceber que ambas tem que abandonar suas posições para que algo mais criativo possa surgir. Não era importante saber se alguém estava do lado do amor ou algum outro estava do lado do ódio ou ainda se um outro estava com um pé atrás, ou se um outro estava preocupado e um pouco cínico, ou o que quer que fosse. Realmente, no fundo, todos eram similares. Todos tinham posições rígidas. O abandono dessas posições era então o ponto chave.

Eu creio que um grupo do tamanho que temos aqui oferece uma oportunidade impar para um relacionamento que envolva a cultura inteira à qual o grupo pertence. Grupos menores não tem esta oportunidade. Com indivíduos e com famílias você terá um diferente tipo de problema nos relacionamentos, que também precisam ser tratados.

Quando os grupos são significativamente maiores do que este, o círculo de diálogo fica grande demais. A dificuldade de comunicação torna-se cada vez maior.

Quando se começa a dialogar em grupo, não é comum que problemas ou questões pessoais sejam trazidos à tona. No entanto, se as pessoas mantiverem o diálogo semana após semana, mês após mês, então, talvez, problemas das pessoas sejam trazidos à baila. Num diálogo tudo pode ser trazido, mas as pessoas precisam já estar confiantes umas nas outras, conhecedoras umas das outras, e terem estabelecido relacionamentos de compartilhamento. Seria demais esperar que um grupo pudesse começar a dialogar a partir desse ponto. Além disso, de fato, problemas pessoais podem não ser tão importantes assim. Apesar disso, se alguém do grupo tiver um problema desses, ele pode ser tratado, mas isso não deve ser regra. O que se pretende com o diálogo não é um trabalho tipo terapêutico, mas resolver um problema da cultura a que o grupo pertence. Apesar disso, problemas pessoais podem ser trazidos, porque problemas pessoais e problemas de cultura acabam se misturando.

Repetindo! É importante compreender que um grupo de diálogo não é um grupo de terapia de qualquer tipo. Num diálogo não está se tentando curar alguém, embora isso possa acontecer como um subproduto, mas não é a nossa pretensão. Um amigo meu, que participou de grupos de diálogo longamente, chama o trabalho de "sócio terapia", e não "indivíduo terapia". O grupo é um microcosmo da sociedade. Assim, se o grupo - ou alguém dele - é "curado", isso é o começo do mesmo para uma cura mais ampla.

Tão pouco os grupos de diálogo podem ser chamados de "grupos de encontro", que visam um tipo particular de terapia, onde as emoções

das pessoas e tudo o mais possa vir à tona. Nós não estamos particularmente visando trazer emoções à baila, mas também não estamos dizendo que as emoções não devam surgir, porque em certos casos, quando as pessoas se confrontam emocionalmente, elas irão deixar patentes suas pressuposições.

Um atributo essencial dos grupos de diálogo é que eles são capazes de *revelar pressuposições*. Estas pressuposições estão, de fato, levando-nos a um estado doentio. E, neste sentido, revelá-las é uma espécie de terapia. *Revelar pressuposições* acaba por levar as pessoas a livrarem-se delas, e a tornarem-se exploradoras de algo que vai muito além. O que se faz aqui é mais nessa direção.

Minha sugestão, é que as pessoas possam começar a dialogar em grupos, em múltiplos lugares. O essencial não é a obtenção de identificação das pessoas com seus grupos, mas, o que é importante é o *processo como um todo*. Você pode dizer: "Opa! Este é um grupo maravilhoso", mas o que de fato conta não é o grupo, mas o processo.

Tenho visto que quando somos capazes de manter um diálogo como esse por um bom tempo, iremos descobrir que haverá uma mudança nas pessoas que tomam parte dele. As pessoas, elas mesmas, passarão a se comportar diferentemente; mesmo fora do grupo de diálogo. Finalmente, levarão a multiplicá-lo. Trata-se de algo como a Semente Bíblica - Algumas caíram em terreno pedregoso - Algumas caíram em terreno fértil e produziram tremendos frutos. Não é, no entanto, possível dizer onde e como a semente irá frutificar. A idéia aqui, a comunicação aqui, o tipo de pensamento que estamos tendo aqui, são como um tipo de semente que pode ajudar a que isto aconteça, mas não deveremos ficar surpresos se muitos desses grupos abortarem e não forem para frente. Isso não significa que a frutificação não possa acontecer.

O que se quer não é um estabelecimento de um grupo fixo de diálogo para sempre, mas ao contrário, é a criação de um grupo que dure por tempo suficiente para promover uma mudança. Se você mantiver exatamente o mesmo grupo por um tempo muito longo, é possível que ele caia nos mesmos hábitos que tinha antes. Costuma ser válido manter o diálogo funcionando por um ou dois anos e manter sua regularidade. Tenho visto que, quando você mantém tudo isso, todos os problemas que falamos surgem. Não se consegue evitar a chegada das pressuposições mais profundas das pessoas que estejam participando. A frustração virá, o senso de caos virá, e virá também a percepção de não valer a pena. Virão também as cargas emocionais. Aquele participante com as pressuposições a respeito do sionismo, provavelmente queria fazer uma intervenção muito educada, muito polida, mas subitamente alguém disse alguma coisa que lhe foi ultrajante e ele não conseguiu controlar a si próprio. Quando se segue com o processo, como falamos, as pressuposições mais profundas virão à tona.

Bem, um diálogo não será sempre um entretenimento. Tão pouco se estará fazendo algo visivelmente útil. Por isso, as pessoas têm uma tendência de deixá-lo quando as coisas ficam difíceis, mas minha sugestão é que é muito importante prosseguir - é preciso mantê-lo através dos períodos de frustração. Sempre que você considera que algo é importante, você age assim. Por exemplo, ninguém irá subir o Monte Everest a menos que acredite que é importante, mas a subida pode, muitas vezes, ser muito frustrante e nem sempre será um entretenimento. O mesmo vale quando se tem que ganhar dinheiro ou se tem que fazer qualquer coisa que se considere de valor. Quando isso ocorre, você passa a ter um sentimento de que é *necessário* fazer aquilo.

Estou dizendo que é *necessário* compartilhar *significados*. A sociedade é uma rede de relacionamentos entre pessoas e instituições, de forma a permitir que todos possam viver juntos. Mas isto somente funciona se tivermos uma *cultura* para fazê-lo. Cultura implica *significados* compartilhados, isto é: significância, propósitos e valores. De outra forma, a cultura se rompe. Nossa sociedade é quase sempre incoerente e não faz essas coisas muito bem. Não as tem feito por longo tempo, se é que um dia as fez. As diferentes pressuposições que as pessoas tem estão afetando tacitamente todos os *significados* de tudo que estamos fazendo.

De uma forma geral você pode dizer que quando está defendendo suas opiniões você não está dialogando para valer. Da mesma forma, quando você está evitando enfrentar alguma coisa desagradável, vinda do seu próprio interior, você também não está dialogando para valer. Uma grande parte do que fazemos na vida não estamos fazendo para valer. A sociedade nos "ensina" a agir desta forma. Ela nos "ensina" a não ser muito sérios no que fazemos. Nos "ensina" que há toda espécie de incoerências e que não há nada que se possa fazer a respeito disso. E se você quiser levar o trabalho visando reduzir as incoerências realmente a sério, realmente para valer, a única coisa que você vai conseguir é se chatear.

Como dissemos, você também poderá ter um diálogo mais limitado - talvez aceitando ter um propósito ou um objetivo definido, mas lembre-se que seria melhor aceitar o princípio de deixar - propósitos e objetivos - em aberto, porque quando você os estabelece, você está aceitando a pressuposição de que o objetivo ou o propósito escolhido não são passíveis de contestação. Ora, essa pressuposição, não estará em *suspense*: não estará sendo objeto de observação e consideração. Isso poderá, mais

tarde, lhe servir de embaraço a uma comunicação livre.

No entanto, se as pessoas não estiverem prontas e completamente abertas em seu processo de comunicação, elas devem fazer aquilo que são capazes. Conheço alguns professores universitários que estão interessados em aplicar os princípios do diálogo aos processos corporativos. Um deles, recentemente, teve um encontro com diretores executivos de uma empresa que fabrica móveis de escritório. Eles queriam esse tipo de encontro porque sabiam que não estavam funcionando eficientemente e que lhes era muito difícil chegar a acordos. Os diretores de níveis mais altos tinham todos os tipos de pressuposições que bloqueavam quase tudo. Assim, eles solicitaram a aquele professor que viesse até a sua organização começar um diálogo. O professor introduziu o diálogo, e logo a coisa lhes pareceu muito interessante. Quiseram programar toda uma série deles.

Naturalmente esse tipo de diálogo será limitado - as pessoas envolvidas terão um propósito definido - o que é uma coisa limitadora, mas mesmo assim é uma coisa de valor considerável. Com ele as pessoas acabarão por conhecer as pressuposições dos companheiros, serão capazes de "ouvi-las" e assim saber como eles funcionam. Muito freqüentemente as pessoas se vêm envolvidas com problemas por não conhecerem quais são as pressuposições daqueles com os quais se comunicam. Assim, reagem de acordo com o que pensam que é a pressuposição do outro. A outra pessoa, então, fica completamente perdida e indaga: O que ele está fazendo? Sua reação faz tudo ficar confuso. Assim, será uma coisa de alto valor se conseguirem, pelo menos, ter consciência sobre as pressuposições das pessoas com as quais se comunicam.

O referido professor me falou sobre dois casos interessantes.

O primeiro, envolvendo uma empresa que tinha problemas com suas pessoas nos níveis mais altos. Elas não estavam muito contentes e incapazes de achegarem-se umas as outras. O processo usual da empresa para resolver esse tipo de conflito, era de oferecer salários mais altos - uma espécie de "cala a boca". Com isso, uma série de pessoas medíocre acabou por serem promovidas às posições mais altas. A coisa foi e foi e logo a empresa se tornou incapaz de sustentar aqueles altos salários: estava indo para falência. Eles disseram: O que podemos fazer? Nós temos que ter alguém que seja bastante duro, que vá dizer para essas pessoas: "Vocês vão ter que aceitar reduções de salários". O negociador que eles utilizaram, explicou as novas políticas dizendo: "A empresa não está em condições de suportar esses encargos". Mas, ele estava evitando o ponto central. Ele não estava dizendo curto e grosso: "O processo que tem sido seguido, está completamente errado. De agora em diante, a empresa terá que trabalhar de maneira eficiente. É preciso que haja um acordo mútuo de que ela não vai promover pessoas para posições mais elevadas, apenas para aliviar problemas psicológicos entre elas. Isso não é maneira certa de proceder. Todo mundo vai precisar compreender que esta não é uma maneira certa de trabalhar. De outra forma, a empresa nunca poderá ter sucesso". Assim, um diálogo, mesmo limitado, era necessário para permitir-lhes realmente começar a conversar umas com as outras em questões importantes: "Esta é a forma como estamos pensando" - "É daí, que os problemas tem vindo" - "É por esse caminho que temos que ir". Assim, admitindo como pressuposto que a empresa tenha que sobreviver, surge um tipo limitado de diálogo. Não do tipo que nós gostaríamos de, enfim,

patrocinar, mas mesmo assim uma coisa de alto valor.

Bem, minha proposição é a de que a humanidade como um todo, está ante uma situação semelhante. Parece que a raça humana está falhando por razões similares à daquela empresa.

O segundo caso envolveu o próprio grupo de negociação. As pessoas da universidade cuja especialidade era ir até as empresas ajudar a resolver problemas dessa natureza. Eles estavam organizando um encontro entre eles mesmos com o mesmo propósito. Um encontro para que pudessem falar uns com os outros. Realizaram-se então as primeiras reuniões! Nelas, duas pessoas do grupo praticamente não conseguiam se entender em qualquer assunto. Quando a dificuldade que tinham foi finalmente resolvida, percebeu-se que um deles estava com a pressuposição de que a coisa certa a fazer nesses encontros era trazer dificuldades - levar as pessoas a confrontar seus pontos de vista umas com as outras. A outra tinha a pressuposição exatamente oposta. A de que nunca se deve trazer confrontos para encontros similares. No caso de ocorrer uma dificuldade de entendimento, ele esperava que todos do grupo ajudassem a explicitar as coisas. Assim, um confronto de pressupostos incoerentes estava latente. (Presentes, porém, não conscientes para o grupo). Essa segunda pessoa passou a estar com o sentimento de que não conseguiria dizer coisa proveitosa, a menos que os demais lhe criassem um espaço para que pudesse falar livremente, dando condições para que as coisas pudessem ficar claras. O primeiro não queria fazer nada disso. Acreditava que trazer conflitos "direto e reto" era a melhor maneira de proceder em casos similares. Em consequência do conflito que parecia ser somente entre os dois, o grupo todo não conseguia se entender. A coisa continuou em confusão durante todo o

tempo daquelas primeiras reuniões - Com uma pessoa querendo tempo para se fazer entendida e com outra não entendendo o porque da necessidade de tantas explicações. O grupo somente conseguiu falar proveitosamente quando ambos trouxeram para o grupo experiências de infância que estavam por trás das pressuposições de cada um. Só então as coisas ficaram claras.

A pessoa que estava atuando nessas primeiras reuniões como facilitador interveio muito pouco. De fato, diversos dos membros apelaram para ele dizendo: "Escuta, por que você não fala?". Um facilitador pode se fazer presente, de tempos em tempos, comentando o que está se passando e o que tudo significa. Num grupo de diálogo não limitado a um objetivo específico, como era o caso desse grupo, o facilitador poderia ser como já dissemos apenas um participante, mas em um grupo como este, que atende a um propósito específico, de uma empresa específica, isso provavelmente não iria funcionar. No caso ele não teria condições de ser apenas um participante.

Este segundo exemplo pode ser uma ilustração sobre quando coisas pessoais podem vir à tona em um grupo. Há casos em que pressuposições particulares bloqueiam o funcionamento de todo o grupo. Essas pressuposições podem estar guardadas nos mais profundos recônditos de cada um. Neste exemplo, o grupo foi finalmente capaz de trazê-las à luz. Eles não estavam querendo curar-se uns aos outros, nem tampouco praticarem terapia; apesar disso, o trabalho teve um efeito terapêutico, mas isso é uma coisa secundária.

Algumas pessoas sentem que esse tipo de diálogo corporativo está apenas carregando para frente um sistema corrupto. No entanto, nesse diálogo, existe um gérmen de algo diferente. Eu penso que se você analisa a sociedade, você irá descobrir que

quase tudo está envolto nesse jogo corrupto. Assim, jogando tudo fora, não se realiza nada. Afinal, os executivos enfrentam o trabalho de fazer suas empresas funcionarem bem; e de fato, se todas essas empresas trabalhassem mais eficientemente, estaríamos todos em um mundo um bocado melhor. Em parte, é por estarem elas na confusão que se encontram que nós estamos enfrentando problemas; que a sociedade inteira é ineficiente e que a coisa toda está se deteriorando. Se governo e empresas já pudessem trabalhar eficientemente, não desperdiçaríamos tanta coisa; muito embora nem todos os problemas estivessem resolvidos.

Para que a sociedade esteja funcionando corretamente, todas essas coisas precisam passar a funcionar com eficiência e com coerência. Se olharmos para o que se passa no mundo nos dias de hoje, neste, e nos outros países, podemos dizer que não se está trabalhando coerentemente. A maioria das companhias não está verdadeiramente trabalhando com coerência. E, lentamente, a coisa está afundando. Creio que se você consegue passar essa noção de diálogo, mesmo limitado, em qualquer situação - o gérmen da noção de diálogo estará se espalhando; e isto é um degrau. Você pode ver que, Bush e Gorbachev (1989), dificilmente irão ter um diálogo do tipo mais geral. Mas, se tiverem - Mesmos tipos limitados de diálogo. . . Se começarem a aceitar os princípios do diálogo - Isto é um degrau. Uma mudança importante acontecerá. Um exemplo do que se passa, é o tipo de desperdício que está indo para armamentos: muito poderia ser economizado. Se conseguíssemos estancar as tremendas despesas hoje gastas nos armamentos que produzimos - digamos, um trilhão de dólares por ano - esse dinheiro poderia se destinar à regeneração ambiental e a toda sorte de coisas

construtivas. E, possivelmente, algo nesse sentido irá acontecer. Estadistas que estejam mais conscientes do problema ecológico, talvez consigam fazer Bush ser mais consciente sobre ele. Se realmente falarem sobre esse assunto. Não é que esperemos que o mundo político possa resolver os problemas maiores que enfrentamos, mas o que estou dizendo é que, se houver um movimento, embora pequeno, na direção de algo mais aberto, a taxa de destruição ambiental será reduzida. Se continuarmos na taxa que estamos, muito pouco restará para ser corrigido mais tarde.

Pouco podemos fazer no nível de Bush's ou Gorbachev's. Eles têm suas próprias opiniões, mas como já disse, idéias filtram, percolam. De um modo que não conhecemos, a noção de algo mais ou menos como diálogo parece estar se filtrando para aqueles níveis e podem ter lá efeitos visíveis; isto é tudo o que estou dizendo. Creio que no governo algumas pessoas são mais de um jeito e outras são mais de outro. Não sei como estas coisas andarão, como se espalharão. Mas, há um certo movimento no sentido de fazer as coisas serem mais abertas. Não digo que iremos resolver tudo. O que estou dizendo é que, caso se consiga reduzir as destruições, isto já será importante. Porque, a menos que a destruição seja reduzida, não haverá condições para que algo novo emerja. Será tarde demais.

Não existe "resposta" política - pronta e oportuna - para os problemas do mundo. No entanto o ponto importante não é a *resposta*. Da mesma forma que acontece com o diálogo, o ponto importante não diz respeito às posições ou opiniões particulares. Pelo contrário, o que conta, é o "amacramento" dos pontos de vista, é a abertura das mentes e é o observar de todas as opiniões. Creio que, se acontecer uma espécie de espalhamento destas posições, penso que já se reduzirão as destruições.

Assim, o que temos dito é que é crucial sermos capazes de compartilhar nossos julgamentos, compartilhar nossas pressuposições e ouvir as pressuposições dos outros. No caso de Einstein e Bohr, o fato de que eles não tenham procedido assim não produziu, ao que sabemos, algum tipo de violência. Mas em geral, se alguém não lhe escuta - não escuta suas pressuposições básicas - você sente este fato como um ato de violência. Isto faz você se inclinar para ser violento também. Portanto, compartilhar julgamentos e pressuposições é uma coisa crucial tanto para pessoas como para coletividades; e o diálogo é a forma *coletiva* de aliviar julgamentos e avaliar pressuposições.

Nós precisamos ter em mente, no entanto, que o diálogo - e de fato, tudo sobre o que temos falado - não tem como intenção final, não é dirigido, apenas para solução dos males da sociedade; muito embora nós tenhamos que resolver esses males. Estaríamos muito melhor se não os tivéssemos. Se sobrevivermos e quisermos ter uma vida que vale a pena, temos que tratar deles, mas nosso objetivo final não está aí. Aí está apenas o começo. O que estou sugerindo é que existe agora uma possibilidade para a transformação da natureza da consciência, tanto individual como coletiva. Ora, se isto vai poder ser resolvido cultural e socialmente vai depender do diálogo. Este é o objeto do que estamos explorando.

E é muito importante que isto aconteça em conjunto, pois se um indivíduo muda, ele vai ter pouco efeito em um conjunto muito maior, mas se algo se passa coletivamente, tem um significado muito mais forte. Se algum de nós, chega à "verdade" - se assim algo pode ser chamado -, enquanto muitas pessoas são deixadas de fora, não estaremos resolvendo problema algum. Estaremos é criando

um novo conflito – da mesma forma como existe hoje o conflito entre as diferentes partes das crenças cristãs e das crenças islâmicas, embora todas elas creiam no mesmo Deus, valorizem os mesmos Profetas e o mesmo Salvador. Assim, toda essa história de comunicação em profundidade e de habilidade para dialogar, participando verdadeiramente em uma comunicação – é crucial.

A dimensão *coletiva* do ser humano, dos quais temos um número considerável, têm *qualitativamente* uma nova face: Uma face que tem um grande poder – tanto potencial, quanto praticamente. Num diálogo, conversamos sobre como fazer esta nova face, apresentar coerência e ordem. A questão realmente é: Você percebe este processo como verdadeiramente *necessário*?. Esta é a questão chave, se você puder vê-la como uma necessidade absoluta, então, você irá fazer alguma coisa.

Muito se tem valorizado o amor. Ora, qualquer amor desaparecerá entre os que não são capazes de compartilhar significados. O amor entre Einstein e Bohr, gradualmente se

evaporou, pois, não foram capazes de os compartilhar.

No entanto, se conseguirmos nos comunicar na verdade, então teremos: amizade, companheirismo, participação e amor crescentes e crescentes.

E talvez, em diálogo, no qual temos esta altíssima energia da coerência, possamos elevarmo-nos para além de ser uma comunidade que resolve seus problemas sociais. Ele parece poder criar uma nova característica para as pessoas, e uma mudança na relação entre elas e o cosmos. Essa energia tem sido chamada “Comunhão”. É um tipo especial de participação. Os primeiros cristãos tinham para ela a palavra grega – *koinoia*. Sua raiz significa “participar” – no sentido de ser parte e de tomar parte; não meramente do grupo, mas do *todo*.

É isto, aproximadamente, o que entendo por diálogo.

POSFÁCIO

O professor David Bohm nasceu na Pensilvânia em 1917. Obteve seu PhD em Berkeley sob Robert Oppenheimer. Ele é atualmente professor emérito de Física Teórica na Universidade de Londres e um Fellow of the Royal Society. Seus trabalhos publicados incluem: Teoria Quântica - Causalidade e Chance na Física Moderna - O Todo e a Ordem Implícita - Ciência, Ordem e Criatividade.

Embora seja mais conhecido em círculos acadêmicos como físico teórico, sempre teve interesse em assuntos considerados fora de campo de trabalho da ciência física. A natureza do pensamento e da consciência e como ambos afetam o indivíduo e a sociedade é um desses tópicos. Ele insiste que é crítico que consigamos alcançar uma melhor compreensão e vivência desta questão se quisermos sobreviver e levar vidas plenas de sentido.

Dr. Bohm tem observado a natureza do pensamento em nossas vidas diárias. Em nossas reações, esperanças, prazeres e medos; e também nos resultados ambientais e sociais do pensamento - nacionalismos, facções religiosas, fragmentação econômica e assim por diante. Através de sua investigação, têm refletido sobre como as pessoas verdadeiramente se comunicam. Ele assinala que, "significados compartilhados", constituem a base da cultura e da sociedade, e que nós absorvemos uma grande parte desses significados - muito dos quais

incoerentes entre si - inconscientemente, em um nível tácito. Ele tem realizado múltiplos experimentos utilizando os conceitos e os processos de diálogos, como forma de obter significados coerentes entre si. Como fala no texto que apresentamos: "Estou sugerindo que existe, agora, a possibilidade de transformarmos a natureza da consciência, tanto individual quanto coletivamente. Se isto poderá ser resolvido culturalmente e socialmente vai depender do diálogo. É isto que estamos explorando".

O interesse de David Bohm em relação a questão da comunicação, não é nova. Ele se lembra, por exemplo, das conversas em 1950 com Albert Einstein e mais tarde com J. Krishnamurti, com os quais sentia uma "intensa energia" de ouvir e "ausência de reservas e barreiras auto protetoras". Atualmente (1989), tem trabalhado para trazer esse tipo de atitude para situações grupais. Em maio de 1984 realizou um seminário de fim de semana constituído de três palestras e conversas a elas relativas sobre o que chamou na ocasião do "Despertar do Processo de Diálogo como de uma Livre Corrente de Significados entre todos os Participantes". Este final de semana, está documentado no livro *Unfolding Meaning*. Dr. Bohm tem conversado a respeito de diálogo e participado em grupos na Inglaterra, na Europa Continental, em Israel e nos Estados Unidos.